



# LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

CHRIS KYLE: UMA ANÁLISE DINÂMICA DO  
MELHOR ATIRADOR ESPECIAL DA  
AMÉRICA

MAFALDA NOGUEIRA DE ALMEIDA  
PINTO MAURÍCIO

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Antónia Trigueiros de Castro Carreiras

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Professora Doutora Maria Antónia Carreiras, apresentada  
no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de  
Mestre na especialidade de clínica conforme o  
despacho da DGES, n.º 19673 / 2006 publicado  
em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

*“Dei-lhe um beijinho rápido e um  
abraço, algo que tentávamos fazer  
sempre que saíamos de casa.  
Foi a última vez que vi o meu marido,  
o meu melhor amigo,  
o meu herói,  
vivo. “*

Taya Kyle, 2015

## Agradecimentos

Quero agradecer principalmente aos meus pais por me terem apoiado tanto ao longo destes seis incríveis anos. À minha mãe pelo amor que só uma mãe dá, pelos beijinhos e abraços, pelo aconchego e pelos conselhos de mãe. Ao meu pai, que desde pequena me ensinou tudo o que sei sobre História, obrigada, sem ti nunca me interessaria por este tema e sem ti, teria ficado perdida na tese. São o melhor de mim.

Obrigada à Filipa pelos conselhos de irmã mais velha, por ralhar comigo sem razão e por me mostrar que vale sempre a pena seguirmos os nossos sonhos mesmo que não seja em Portugal, tens todo o valor e mérito por isso, Móidi.

Ao António que me apoiou mais do que imagina. Obrigada pelos termos técnicos militares e por me mostrares como é possível amar tanto a vida militar. Obrigada pelo amor que me deste durante este ano, pela força e pelo carinho. Para além de namorado, és o meu melhor amigo, papaia.

A todos os meus colegas que ao longo do anos me modificaram, me ensinaram tanto e me mostraram o que significa ser Psicólogo. Obrigada a todos os que passaram comigo estes seis anos de faculdade, que viveram comigo na nossa segunda casa e perderam horas nos trabalhos de grupo e no Bar Aberto.

Destaco a Andreia Ferreira, o Miguel Oliveira e a Soraia Figueiredo, porque desde o início nos mantivemos juntos e aprendi imenso convosco. Obrigada por tudo o que vivi convosco e que não vou poder voltar a viver.

Ao Tiago, por ser o melhor amigo que alguém pode ter. Sempre partilhámos o percurso escolar, desde o jardim infantil até nos separarmos na faculdade, mas parece que só nos aproximámos mais, o que julguei ser impossível. Gosto muito de ti Caco.

À Inês Faria por me ter ajudando tanto ao longo do curso, obrigada pelas horas em que estudaste comigo e me obrigaste a fazê-lo. Para além de melhor amiga, és como uma irmã.

A todas as pessoas, que apesar de não fazerem directamente parte do meu percurso académico, me inspiraram com a forma de ser: À Soraia Matias por ser a minha amiga de todas as horas, à Josie por ser a pessoa mais animada que conheço e à Sofia Sónia por sempre ter os pés assentes na terra.

Também quero agradecer às minhas ‘potenciais psicólogas’, companheiras de estágio, de sofrimento, de pressão e de muito trabalho. São elas: a Inês Cardoso, a Raquel Matos e a Marta Azinheira, obrigada pela amizade que tanto se fortaleceu durante o estágio.

Obrigada à minha Orientadora, Prof. Doutora Maria Antónia Carreiras, por ter percebido que no início estava perdida e por me guiar até este ponto. Sem si, não teria conseguido completar esta fase. Ajudou-me mais do que pensa.

Obrigada ao ISPA, cresci tanto, vivi tanto, ri tanto e chorei tanto.

Obrigada a todos.

## RESUMO

O livro auto biográfico Sniper Americano retrata a vivência de Chris Kyle, antes, durante e depois da sua participação numa das mais controversas guerras: a Invasão do Iraque.

Através de uma perspectiva psicanalítica, pretendeu-se analisar os processos psicológicos inerentes à sua vivência enquanto militar, tais como a Perturbação de Stress Pós-Traumático, o que o levou a assumir um ideal que não era dele e a pertencer a uma ideologia, bem como a falta de remorsos ao assassinar indivíduos.

Foi tida em consideração a cultura onde viveu, o facto da América ser um país muito patriota e como respeitam os militares. Foi abordada também a forma como os militares se veem entre si, que tipo de relações têm e quão fortes são.

Diversos autores abordaram as temáticas centrais desta dissertação, como o remorso, o patriotismo, o sentimento grupal e as ideologias. Assim, colocámos como hipótese principal: Porque Chris aderiu a uma ideologia? Tentando também entender quais as consequências da mesma no seu mundo interno.

**Palavras-Chave:** Chris Kyle, PTSD, Remorso, Ideologia, Guerra do Iraque

## ABSTRACT

The autobiography, *American Sniper*, portrays the life of Chris Kyle, before, during and after his service in one of the most controversial wars ever; the Iraq Invasion.

Through psychoanalytic perspective, we analysed the psychological processes inherent to his life as soldier, such as Post-Traumatic Stress Disorder (PTSD), the lack of guilt experienced when he kills and why become part of an ideology.

We considered the culture where he lived, American patriotism, and the nation's respect for the armed forces. We also addressed how the military perceive each other; the relationships they have and the strength of these relationships.

Many authors have studied the central themes of this dissertation, such as guilt, patriotism, group morale and ideology. So our main question is: Why did Chris join this ideology? Trying to understand the consequences of it in his internal world.

**Key Words:** Chris Kyle, PTSD, Guilt, Ideology, Iraq Invasion

## Índice

Introdução .....	1
PARTE I CHRIS KYLE E A AMÉRICA.....	4
1.1. Chris Kyle– biografia.....	5
1.2. Resumo do livro.....	8
1.3. Contextualização Histórica .....	11
1.3.1. Texas .....	11
1.3.2. 11 de Setembro de 2001.....	11
1.3.3. Guerra do Iraque .....	14
1.3.4. O sonho americano .....	15
PARTE II CHRIS KYLE E OS SEAL .....	18
2.1. Breve história dos SEAL .....	19
2.2. “The only easy day was yesterday” - Treinos intensivos .....	20
2.3. Band Of Brothers – Chris Kyle e as suas relações entre pares .....	22
PARTE III MUNDO INTERNO .....	25
3.1. Chris Antes e Durante a Guerra.....	26
3.1.1. O alcance de uma ideologia.....	26
3.1.2. Ideologias e Grupos.....	31
3.2. Chris Depois da Guerra.....	35
3.2.1. Perturbação de Stress Pós -Traumático .....	35
PARTE IV.....	42
Conclusão.....	43
Siglas.....	48
Glossário .....	49
Referências bibliográficas.....	50
Anexo A .....	54

## Introdução

Actualmente parece que nos encontramos perante um sistema internacional no qual existe apenas uma superpotência: Estados Unidos da América. Com motivações distorcidas, narcísicas e de forma a afirmar a hegemonia político-militar sobre o Iraque, os EUA decidiram, contra a vontade da ONU, invadir o país. No campo político, serviu para reafirmar a tal hegemonia após os atentados de 11 de Setembro, sendo que a invasão militar ao Iraque traria vantagens económicas pois conseguiriam controlar as reservas de petróleo encontradas no país. É interessante perceber os motivos desta guerra, bem como o interesse dos militares em entrarem nela e perceberem-na como sua, militares como Chris Kyle.

Este nome já conhecido por muitos, tornou-o, para além do melhor sniper de toda a história dos Estados Unidos, o SEAL mais famoso de todos os tempos através do seu livro, mas maioritariamente através do filme adaptado por Clint Eastwood e interpretado por Bradley Cooper e Siena Miller. Neste, Kyle conta a sua visão da guerra, da América, dos amigos e da família.

Desde que vi o filme apaixonei-me pela história de Chris Kyle, a forma como via o inimigo, a forma como lutava pelos que amava, como via o seu país e os interesses do mesmo. A forma como conseguia ir a casa entre comissões e falar pouco sobre o que vira, quem matara, o que fizera, como conseguira omitir feitos tão importantes e drásticos àqueles que amava. Muitas vezes tornava-se difícil entender tais situações, mas o facto de me colocar na pele dele, ajudou-me a entendê-lo, a perceber como via as coisas mesmo que não partilhássemos as mesmas opiniões. Entre o meu interesse por tudo o que seja relacionado com guerra e romances, este livro pareceu-me o mais pertinente e não estava enganada. Por de trás da história de guerra, das mortes, do sofrimento e da dor, está escrita uma história de amor que, como tantas outras, não teve o final esperado.

Relativamente à pertinência deste tema, considerei-o muito importante e interessante principalmente numa altura em que tanto se fala sobre guerras, em que cada vez mais nos apercebemos dos horrores e dos crimes cometidos pelos países, que sem justificação concreta, atacam os outros, cometem actos de terrorismo e favorecem o crime

organizado, violando os direitos fundamentais do Homem. Contudo, não é só agora que nos apercebemos das atrocidades que o ser humano consegue fazer. Desde sempre mataram, violaram e torturaram aqueles que se opunham aos regimes ou aos costumes em vigor. E também não deveria ser apenas agora que nos focamos nos islâmicos e nos actos terroristas que cometem, deveríamos lembrar-nos das cruzadas cristãs, da imposição da fé, da caça às bruxas e da inquisição, contudo, parecem num passado tão longínquo que já não pensamos que pudessem acontecer hoje em dia, mas é importante relembrar que o Holocausto e o muro de Berlim aconteceram já na era civilizada. Assim como a Guerra do Iraque.

O principal objectivo deste trabalho é aprofundar aquilo que sabemos sobre Chris Kyle, conhecê-lo e acima de tudo, entendê-lo melhor. Para tal, proponho-me analisar o mundo em que estava inserido, como o viveu, o que o ajudou a expressar-se e perceber como é que lidava com o facto de poder morrer a qualquer momento enquanto se encontrava no Iraque. Para se poder realizar esta análise compreensiva, foi necessário entender o que era ser um SEAL, a sua relação com os companheiros, como via o seu país e como era a sua relação com a família.

Assim, desde o início da leitura do seu livro *Sniper Americano* bem como com a leitura do livro da sua mulher, Taya Kyle, *American Wife*, surgiram-me diversas perguntas que tentarei responder com a análise da leitura dos mesmos: Como pode um ser humano, matar outro e não sentir remorsos? Quais são os processos psicológicos que Chris usou ao adoptar a ideologia da guerra? É possível que Chris sofresse de Perturbação de Stress Pós-traumático e quais as consequências da mesma?

Para se tentar responder às questões propostas, é necessário ter em consideração o mundo em que estava inserido, como é crescer no Texas que se considera um estado tão patriota, as suas vivências antes, durante e depois da guerra do Iraque, como se expressou e ainda como conseguiu viver com a constante ameaça de morte e a que estratégias recorreu para poder ultrapassar esses sentimentos. É também muito importante perceber como é que um país como a América que provoca guerras, consegue ter tantos adeptos militares que estejam dispostos a lutar pelo país.

Tentarmos entender Chris Kyle é um desafio bastante complexo, principalmente por ter adquirido uma certa estruturação psíquica refletida em conquistas sociais, o

exercício profissional eficiente e bem sucedido e ainda, relacionamentos afectivos satisfatórios. Contudo, é possível depreender-se vivências de extrema angústia ou sentimentos nos quais parece existir uma ausência do sentido de si mesmo.

Iniciamos então, este trabalho com a primeira parte intitulada, Chris Kyle e a América. Faremos uma contextualização biográfica, bem como histórica, do ambiente onde este nasceu até à sua morte em 2013. Desta forma, é realizada uma ponte entre Kyle e o sistema político-religioso que se vive na América e que acabou por levá-lo até ao Iraque. É ainda feito um breve resumo do seu livro.

Na segunda parte deste trabalho, intitulada, Chris Kyle e os SEAL, iremos defini-los brevemente mas também referir o que é necessário, tanto física como psicologicamente para se conseguir ultrapassar as provas árduas a que estão sujeitos os recrutas. É também importante referir, nesta parte, a relação de pares entre Kyle e os seus colegas SEAL, sendo das relações mais fortes que o mesmo manteve.

A terceira parte destina-se à revisão da literatura existente sobre a Perturbação de Stress Pós-Traumático, sobre os processos psicológicos na escolha de uma ideologia e na adesão a um grupo. Desta forma, é feita uma leitura que engloba as características e vivências de um veterano de guerra, referindo a dor, o sofrimento, a culpa por ter sobrevivido quando tantos dos seus irmãos de armas faleceram. Estes conceitos serão aplicados ao caso de Kyle e analisaremos como este mudou após se reformar da vida militar.

Por último, serão apresentados os aspectos que se concluíram a partir da revisão teórica e da análise do livro, respondendo às questões colocadas no início. É importante referir que ao longo do trabalho serão apresentadas passagens do seu livro bem como do livro da sua mulher, *American Wife*.

## **PARTE I**

### **CHRIS KYLE E A AMÉRICA**

## 1.1. Chris Kyle– biografia

*“Adoro o que fiz, ainda adoro. Se as circunstâncias fossem diferentes- se a família não precisasse de mim- voltaria num instante. Não estou a mentir ou a exagerar ao dizer que foi divertido. Apreciei imenso ser um SEAL.”* (Kyle, 2013, pp.16)

Christopher Scott Kyle, nascido a 8 de Abril de 1974 em Odessa, Texas, filho de Wayne Kenneth Kyle, um diácono e Deby Lynn, uma catequista, e irmão de Jeff Kyle, um marine, 4 anos mais novo. Cresceu num rancho e refere no seu livro que na mesma altura que começou a ler e a escrever, também aprendeu a apreciar armas. Considerava-se orgulhosamente nacionalista e era um caçador nato, tal como o seu pai e irmão. Tinha 8 anos quando o seu pai lhe comprou a primeira caçadeira com a qual caçava veados, codornizes e pombos. Foi educado na fé cristã e ordenou as suas prioridades da seguinte forma: Deus, Pátria e família.

Sendo um texano, sempre foi ‘*cowboy*’ e adorava cavalos e rodeos, acabando por se tornar profissional nessa prática. Tal não pôde tornar-se carreira pois sofreu um acidente e partiu um braço. Assim, decidiu ingressar na faculdade, e no primeiro ano de agronomia quando um cavalo caiu em cima dele, a sua sorte não melhorou, acabando com parafusos nos pulsos, um ombro deslocado, costelas partidas e lesões num pulmão e num rim.

Não querendo passar a vida atrás de uma secretária e em busca de uma vida mais emocionante, decidiu, em 1996, ingressar na vida militar. Nessa altura os SEAL não eram muito conhecidos e a Marinha não prometia que fosse um SEAL. Teria de merecer o privilégio. No entanto, garantiam que teria uma hipótese, e isso era o suficiente. Contudo desqualificaram-no no exame físico, dado que este revelou a presença dos parafusos no braço. Desanimado, voltou-se de novo para a sua carreira de rancheiro. E quando já tinha perdido a esperança, a marinha contactou-o para se apresentar no BUD/S (curso inicial antes dos SEAL), que será explicado mais adiante.

Completo o curso e iniciou o treino dos SEAL, acabando por ser colocado na SEAL TEAM 3, no pelotão “Charlie” (mais tarde “Cadillac”) e serviu quatro vezes na

Ocupação do Iraque. Na mesma altura em que acabou o treino, conheceu a sua mulher Taya num bar em San Diego. Depressa se tornaram inseparáveis e pouco tempo depois, casaram e tiveram dois filhos.

Na sua invasão inicial, ocorreu a morte mais mediática presente no livro e no filme, na qual disparou contra uma mulher e uma criança que possuíam uma granada chinesa. Devido ao seu importante papel como *sniper* na tomada da cidade de Ramadi, os locais chamavam-no de *al-Shaitan Ramadi*, ou Diabo de Ramadi, e ofereciam uma recompensa de 21 mil dólares a quem o matasse, sendo que o valor acabou por subir para 80 mil. Referindo sempre, que por esse preço até a própria mulher o entregaria.

O seu tiro mais distante ocorreu em 2008, na cidade de Sadr, onde matou um homem que se preparava para lançar uma granada, a 1493 metros de distância, contrariamente ao apresentado no filme, no qual ele mata um sniper conhecido como Mustafa. Este é referido no livro apenas numa passagem, não dando qualquer importância a este personagem real.

Durante os seus quatro serviços no Iraque, Chris foi baleado duas vezes e sobreviveu a 6 explosões de EEI pelos Iraquianos. Acumulou 160 mortes, contudo, acredita-se que tenham sido cerca de 255. Estes números são baseados nos relatórios de combate enviados ao alto comando no final das missões. Chris disse não ter conhecimento de seu número oficial de mortes, por contar apenas quantas vidas tinha salvo. Passando a ser conhecido pela alcunha de "lenda" entre os colegas.

Chris deixou a Marinha em 2009 devido a diversos problemas, como hipertensão e problemas articulares nos joelhos, mas também pela pressão que Taya exercia sobre ele para regressar definitivamente a casa. Foi, então, morar para a cidade de Midlothian, no estado do Texas, com a sua mulher e os seus dois filhos. Devido à falta de emprego, decidiu criar uma empresa onde pudesse continuar a sentir-se útil aos militares, assim, criou a Craft International, uma empresa de treino tático que prestava serviço ao Exército e a polícias locais. Em honra ao seu falecido 'irmão de armas' Biggles, tinha como lema "*Apesar do que a tua mãe te disse, a violência resolve os problemas*".

Em 2012, a editora Harper Collins lançou o livro autobiográfico de Chris, *American Sniper*. O seu livro, relatado na primeira pessoa, conta as experiências,

as mortes, as vivências, as loucuras e o seu regresso definitivo a casa. Passou 37 semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times* e fez de Chris uma celebridade nos Estados Unidos. Após o lançamento, iniciou-se uma polémica sobre uma celebridade que Chris chamou de “*Scruff Face*”, com o qual afirma ter entrado numa luta num bar, por esse ter afirmado que “os SEAL podiam perder mais uns quantos”. Scruff Face foi reclamado por Jesse Ventura que o acusou de difamação acabando por ganhar em tribunal, já após a morte de Chris.

Chris uniu-se também à FITCO, uma organização não governamental dedicada a melhorar a vida de veteranos de guerra com sequelas físicas e com Transtorno de Stress Pós-Traumático.

Morreu a 2 de Fevereiro de 2013, juntamente com Chad Littlefield, um vizinho e amigo. O duplo homicídio perpetrado por Eddie Ray Routh ocorreu num campo de treino militar no norte do Texas, enquanto os dois o tentavam ajudar com a Perturbação de Stress Pós-Traumático, de que padecia após ter prestado serviço no Iraque e no Haiti. No julgamento, os peritos, afirmaram que Chris Kyle foi alvejado seis vezes e Chad Littlefield sete, cada um com armas diferentes. Kyle não foi morto por um “iraquiano selvagem” mas sim, por um americano, na sua amada pátria.

*“O assassínio poderia ter sido evitado se se soubesse que Routh já teria ameaçado a namorada e uma amiga com uma faca e tinha histórico de problemas de abuso de drogas. Já tinha ameaçado matar-se e à própria família, entrado e saído de diversos hospitais psiquiátricos e normalmente tinha uma postura anti-social. Tudo isto, poderia ter influenciado a forma como Chris reagiria com ele.”*

*(Kyle, 2015, pp. 8)*

## 1.2. Resumo do livro

O livro inicia-se em 2003 quando relata a sua primeira e mais mediática morte, a de uma mulher e de uma criança. Kyle relata como aconteceu e por que o fez, bem como o que sentiu ao fazê-lo. Aborda também a sua história de vida, como é nascer e crescer no Texas, criado na fé cristã e habituado desde pequeno a disparar armas. A sua paixão por *rodeos* é bastante explícita, onde conta como se iniciou nessa ‘arte’ e como apreciava a adrenalina que sentia enquanto estava montado num touro. Apesar de gostar do que fazia, ingressou na faculdade e relata o seu percurso académico, um tanto atribulado, até ter desistido de o completar. Nessa mesma altura, descreve a queda grave, já referida acima, acabando com a sua ideia de se tornar profissional de *rodeos*. Narra ainda, como em 1996, lhe foi negada a entrada na Marinha e como poucos meses depois lhe ligaram a oferecer uma oportunidade para ingressar nos SEAL.

O segundo capítulo, inicia-se com os treinos, explicando o que é o BUD/S, como sofreu com a pressão bem como com a violência dos instrutores e ainda a dificuldade de ter de repetir vezes sem conta os mesmos exercícios com pouco tempo para descansar. Explica ainda o que é a semana infernal, que será explicada adiante, como a motivação provinha de todas as pessoas que não acreditaram que a conseguisse completar. Ainda neste capítulo, explica algumas amizades que fez, como conheceu Taya, como se apaixonaram rapidamente e o seu casamento. Termina a descrever o que sentiu aquando o 11 de Setembro de 2001.

O terceiro capítulo descreve o seu destacamento no Golfo, a patrulhar um petroleiro que se acreditava ser de contrabando de armas. Relata também as suas experiências de patrulha de grandes navios com mísseis. Neste capítulo explica como foi difícil o primeiro Natal longe da família.

Já no capítulo seguinte descreve o início da Operação de Desocupação do Iraque. Conta o estado de excitação de todo o pelotão por finalmente entrarem na guerra para a qual estavam há anos a treinar. Conta os tiroteios em que entrou, as cidades que conseguiram libertar, como começou a entender melhor o que significava ‘Islamismo’ e como temeu pela vida do irmão também destacado no Iraque.

O quinto capítulo inicia-se com Taya a falar sobre a primeira vez que Chris regressou a casa após a primeira comissão no Iraque, como este vinha revoltado e as consequências já visíveis da guerra. Este capítulo é muito dedicado à sua vida em casa, como se assustava facilmente, como não saía de casa na primeira semana e a relação com os seus pais. É também aqui que enumera todas as armas que usou como a Mk-12, Mk-11 ou a .300 Win Mag, explica para que serviam, qual o calibre, o porquê do seu nome e ainda como as utilizava. Aborda ainda o seu curso de atirador de elite e como não era de todo o melhor atirador da sua turma, chegando mesmo a reprovar no teste prático. No final do capítulo, nasce o seu primeiro filho.

De volta à guerra, no sexto capítulo, Chris é retirado do seu pelotão para auxiliar os GROM. Bagdade já não estava a cargo de Saddam Hussein mas a al-Qaeda estava a ganhar força. Leal a Osama Bin Laden, parecia que o seu único objectivo era matar Americanos. É também neste capítulo que explica como se carrega uma arma, o equipamento médico que possuía durante as missões, que coletes à prova de bala preferia, os GPS de pulso e até os relógios especiais. Ainda no mesmo, relata algumas missões que realizou tanto no seu pelotão como com a companhia Kilo, um grupo de fuzileiros, que tinha o objectivo de proteger enquanto sniper. Chegou ainda a ser atingido por uma granada de fragmentação enquanto tentava salvar um fuzileiro caído. Por tal feito, ganhou uma Estrela de Bronze com um B, de bravura em combate.

No sétimo capítulo, Chris continua a explicar as missões que ia realizando juntamente com os fuzileiros e como aprendia e ensinava com os mesmos. Aqui é mencionado também o seu tiro mais distante, a cerca de 1500 metros, onde nem a sua mira conseguia calcular a distância. Depois explica que apesar de as pessoas acreditarem que snipers atiram muito longe, normalmente, e de forma a acertarem no alvo, apenas disparam entre os 200 e os 400 metros.

O oitavo capítulo inicia-se com o regresso de Chris a casa, segundo Taya. Como ficava empolgada quando ele saía do avião, os seus problemas a conduzir com trânsito, a sua agressividade, as suas discussões e a sua relação com o filho. Neste capítulo, Chris fala pela primeira vez do seu amigo Ryan Job, mais conhecido por Biggles e de Marc Lee. Relata, entusiástico, como eram, que tipo de personalidade tinham e quão bons eram enquanto SEAL. Ainda neste capítulo, Taya engravida de novo de uma menina.

Considerando-se um justiceiro, no nono capítulo, Chris está de volta a Bagdade no ano de 2006. Foi aqui que ganhou a alcunha de “a Lenda” e inicia, juntamente com o seu pelotão, a pintura em tudo o que pudesse, da caveira do justiceiro.

Com a quantidade de mortes confirmadas, no décimo capítulo, já é apelidado de “o Diabo de Ramadi” entre os iraquianos, ficando com “a cabeça a prémio” por um valor altíssimo. No fim deste capítulo, Ryan Job é alvejado.

No décimo primeiro capítulo, Chris ajoelha-se ao lado de Ryan completamente ensanguentado. Acreditando que Biggles iria morrer, Chris foi-se claramente abaixo. Levando a que sentisse uma necessidade de vingança juntamente com Marc Lee. Quando este se vira para avisar Chris que tinham sido embuscados, é alvejado na cabeça e acaba por falecer. Biggles conseguiu sobreviver apesar de cego de ambos os olhos. Ainda nesse capítulo, Taya ligou a Chris para contar que a sua filha tinha Leucemia, o que fez que ele regressasse mais cedo a casa.

No início do décimo segundo capítulo, Chris regressa a casa e recebe a notícia de que afinal a filha não tinha leucemia, apenas algumas infecções que enviesaram os resultados dos testes iniciais.

No décimo terceiro capítulo, Chris está de volta ao Iraque. Na missão relatada, Chris é atingido por dois tiros mas sem consequências graves. Continuando a acreditar ser invencível, permaneceu no Iraque durante mais uns meses, até que o seu corpo começou a acusar o stress da guerra, regressando a casa de forma definitiva.

No último capítulo, Chris já se encontra em casa. Descreve a recuperação de um casamento em risco, a relação incrível com os filhos, o casamento de Biggles, a criação da Craft International e a depressão pós guerra.

### 1.3. Contextualização Histórica

#### 1.3.1. Texas

Sejam descendentes das tribos índias, ou que os seus antepassados tenham sido embarcados à força nas costas Africanas ou ainda atravessado os oceanos por sua livre vontade, todos os Americanos são obrigados a encarar a vida em articulação com a natureza. Os do Texas optaram por se libertarem de um passado sem glória e investiram em cidades majestosas que brilham em pleno deserto (Garanoux, 2000).

É considerado o segundo maior estado dos Estados Unidos, tanto em área como em população. Tem como capital Houston, sendo esta a cidade mais populosa. É apelidado de “Lone Star” (Estrela Solitária) devido à luta pela independência do México. (Garanoux, 2000)

Os primeiros Europeus a alcançarem o Texas foram os missionários espanhóis, fundando a cidade de San Antonio em 1718. Até à Guerra da Independência Mexicana bem como à Guerra da Revolução, o Texas encontrava-se escassamente povoado devido aos nativos hostis e ao facto de se encontrar isolado de outras colónias espanholas. Com as guerras, o novo governo Mexicano permitiu aos cidadãos americanos reclamarem terras no Texas, fazendo com que existisse uma explosão demográfica. Tal, provocou uma dramática redução da população com ascendência Mexicana, o que causou fricção com o governo da Cidade do México, até à Revolução do Texas. Este tornou-se, então, independente em 1835. Contudo, por não se poder defender das tropas mexicanas, o Texas juntou-se aos Estados Unidos em 1845 (History, 2009).

#### 1.3.2. 11 de Setembro de 2001

Predecessor da Guerra do Iraque

*“There are, one would think, far more damaging things to be said about our social system than are available through the use of psychological categories [alone]. ... [T]his whole global, yet American, postmodern culture is the internal and superstructural*

*expression of a whole new wave of American military and economic domination throughout the world: in this sense, as throughout class history, the underside of culture is blood, torture, death, and terror”*  
(Jameson, 1991 cit Hollander, 2006)

Através de Melanie Klein é-nos possível entender melhor os mecanismos psicológicos bem como as dinâmicas políticas e económicas que contribuíram para a cultura de guerra Americana. Isto é, as suas teorias ajudam-nos a compreender as defesas inconscientes na resposta ao terror do 11 de Setembro.

Iniciando então, pelos primeiros meses de vida, o Ego, com a sua falta de coesão, alterna entre estados de integração e desintegração que são experienciados pelo mesmo como uma ameaça de fragmentação. De forma a poder proteger-se, o Ego utiliza mecanismos inconscientes tais como a fragmentação, identificação projectiva e idealização. Pela falha de reconhecimento em que é a mesma mãe que tanto satisfaz como frustra o bebé, ele cliva os objectos internos em bons (gratificantes) e maus (frustrantes). Este mecanismo permite-lhe odiar sem se sentir dominado ou assoberbado, ou sentir medo desses objectos serem destruídos, ou ainda, destruir o adulto significativo. Esta fase importante é chamada de Posição Esquizo-Paranóide, na qual existe uma ansiedade persecutória devido ao medo de ser aniquilado pelas forças destrutivas internas e externas (Hollander, 2006).

Enquanto o bebé introjecta as qualidades de cuidado e amor da mãe, o seu mundo interno com boas representações é construído, ajudando o Ego a desenvolver-se de forma coesa e integrada. Esta capacidade leva a que o bebé atinja uma estabilidade e coerência emocional ainda maior, chamada Posição Depressiva. Caracterizada pelo reconhecimento que tanto ama como odeia a mesma pessoa e que esta pessoa continua a persistir na sua vida, levando a que se sinta culpado pelas fantasias destrutivas. É ainda acompanhado pela habilidade de reparar, permitindo que o amor se sobreponha ao ódio (Hollander, 1999 cit Hollander, 2006). Contudo, Bion (1957) acredita que não é possível, de facto, atingir a Posição Depressiva, levando a que actualmente se acredite num equilíbrio entre

a Posição Esquizo-Paranóide e a Posição Depressiva, já que o alcance da posição depressiva gera tamanha ansiedade que apenas pode ser controlada na Posição Esquizo-Paranóide através de defesas primitivas como a clivagem.

É importante examinar agora, como é que os Americanos reagiram à administração de Bush sobre as guerras do Afeganistão e do Iraque. A maioria ficou traumatizada com os atentados e principalmente com as ameaças posteriores de armas nucleares e químicas, mas também com a informação da falta de segurança no geral. E quando as pessoas ficam assustadas sentem uma grande vulnerabilidade mas também sentimentos de impotência. Voltando então a Melanie Klein, nos meses posteriores ao atentado, o governo mobilizou defesas maníacas do tipo esquizo-paranóide. Inicialmente o governo praticou acções para preencher as fantasias dos cidadãos de serem salvos por um líder forte com desejos de vingança, com discursos paranóides nos quais existia uma clivagem do mundo entre os bons e os maus (mundo cristão vs islâmico). Desta forma, os cidadãos identificavam-se com tudo o que era bom e poderoso enquanto que tudo o que era mau, era projectado num outro demoníaco (Hollander, 2006). O presidente Bush ainda se questionou “Mas como é que nos conseguem odiar? Nós somos bons”, esta questão representa a “inocência violenta ou radical”, uma defesa psíquica na qual a própria agressividade é negada e projectada no outro, que é experienciado como a fonte de agressão (Hollander, 2004 cit Hollander, 2006). A única conclusão possível seria que os terroristas fossem motivados pela inveja da sua grandiosidade e da sua liberdade, negando que as políticas americanas no Médio Oriente e na Ásia fossem e continuam a ser uma fonte terrorista (Hollander, 2006).

É também importante abordarmos a questão da ideologia. Esta serve para cobrir fissuras enquanto sustem a ordem sócio-simbólica através do controlo social. Tal é possível através dos símbolos dominantes da cultura, como os valores, atitudes, crenças, normas culturais, todos juntos constituem uma ideologia, que pode ser chamada de hegemonia (Boggs, 1984 cit Hollander, 2006). Transmitidos através de estruturas como a família, igrejas, escolas, organizações, a hegemonia representa estratégias cujo poder dominante é aceite pelos seguidores. Seguindo a perspectiva de Lacan, o sujeito inicia a busca pela união e coerência de forma a escapar à natureza humana fracturada. Esta ideia

de ideologia serve para entendermos outro ponto acerca do 11 de Setembro. Muitos cidadãos foram habituados à ideologia do patriotismo Americano aceitando cegamente a cruzada de Bush. Por outras palavras, ao aceitarem esta ideologia, estavam inconscientemente a aceitar e a apoiar a ideologia hegemónica de invadir e ocupar o Iraque, escondendo ou até mesmo recalcando, a experiência psicológica de vulnerabilidade do indivíduo ou de um grupo, para os proteger contra a ferida narcísica de impotência provocada pelo 11 de Setembro (Hollander, 2006).

Em suma, a propaganda do governo americano ligou Saddam Hussein ao 11 de Setembro, depois ao terrorismo e depois com os Iraquianos, tornando a guerra e a ocupação algo justificável e moralmente necessário, como iremos explicar no próximo ponto.

### 1.3.3. Guerra do Iraque

A Guerra do Iraque iniciou-se a 20 de Março de 2003 com a invasão Americana e terminou com a retirada das tropas de território iraquiano a 18 de Dezembro de 2011, após oito anos de ocupação (Bassil, 2012).

Freud utilizou uma história sobre uma chaleira partida para ilustrar a lógica dos sonhos, esta envolvia um amigo que nos emprestava uma chaleira. Contudo, acusou-nos de a devolver partida, a nossa resposta será uma das seguintes: 1) Nunca me emprestaste uma chaleira, 2) Devolvi-a sem estar partida ou 3) A chaleira já estava partida quando ma emprestaste. Estes argumentos, pelo facto de serem inconsistentes, confirmam que a devolvi partida. Esta mesma inconsistência caracteriza igualmente, uma justificação do ataque ao Iraque em 2003, no qual, numa primeira resposta, Saddam Hussein estaria na posse de armas de destruição maciça, que representariam um grande perigo; numa segunda, concluiu-se que não se encontraram armas no Iraque ainda que estivessem mais de 1000 especialistas Americanos à procura, mas mesmo que Saddam não estivesse na posse de armas de destruição maciça, estaria envolvido com a Al-Qaeda no ataque do 11

de Setembro e por isso deveria ser punido como forma de vingança. Por fim, numa terceira resposta, Bush referiu que não existiam evidências que Saddam estivesse envolvido com o ataque do 11 de Setembro, contudo, 70% dos Americanos acreditava que sim, assim, mesmo que não houvesse provas que ligassem Saddam à Al-Qaeda, o seu regime ditatorial era uma ameaça e uma catástrofe para o seu próprio povo (Žižek, 2005).

Mas afinal, qual foi a verdadeira razão para os ataques? Existem de novo, três hipóteses, a primeira prende-se com a crença ideológica que os EUA levam a democracia e prosperidade para outras nações; a segunda, a necessidade de assinalar a hegemonia dos EUA, e por fim, controlar as reservas de óleo do Iraque (Žižek, 2005).

Assim, a 20 de Março de 2003, militares Americanos e Britânicos invadiram o Iraque resultando na fuga de Saddam Hussein pouco tempo depois. Esta invasão tinha como objectivo estabelecer um governo democrático, contudo, tal não foi possível levando a que a insurgência iraquiana crescesse, provocando uma Guerra civil entre iraquianos sunitas e xiitas. Em 2011 os Estados Unidos anunciaram a retirada das tropas e o fim da Guerra. (Bassil, 2012).

#### 1.3.4. O sonho Americano

“Cresci em cidades pequenas, onde aprendi a importância da família e dos valores tradicionais, como o patriotismo, a auto confiança e a necessidade de protegermos a nossa família e vizinhos.”

(Kyle, 2013; pp. 17).

Nesta sub-parte, iremos abordar o patriotismo americano, como começou e o que significa de forma a podermos entender um pouco melhor o que levou Chris Kyle a ser tão patriótico.

Durante a sua estadia nos EUA em 1831, Tocqueville, apercebeu-se que todos os norte-americanos se sentiam iguais e livres. Não existiam privilégios herdados e títulos

de nobreza. As leis eram válidas para todos, independentemente do apelido ou riqueza e todos podiam frequentar os mesmos ambientes sociais (Camerino et. al, 2012).

Os EUA fundaram-se alheios ao sistema aristocrático europeu. Ainda que a sua colonização provenha dos ingleses, formaram-se, sem as influências dos privilégios de nascimento e de riqueza. Desta forma, são considerados, o primeiro país a vivenciar os ideais democráticos (os países europeus ainda lutavam pelo estabelecimento da democracia), assim, os indivíduos sentiam-se responsáveis pelo seu país, daí o “amor à pátria” ter sido uma ideologia tão próspera (Camerino et. al, 2012).

Tocqueville apercebeu-se que a pátria fazia-se sentir por toda parte, as pessoas ligavam-se a cada um dos interesses de seu país como se fossem seus e rejubilavam com a glória da nação. Tinham pela pátria um sentimento análogo àquele que experimentamos pela família (Tocqueville, 1998 cit Camerino et.a l, 2012).

O patriotismo é definido como a “união de afecto e compromisso moral em relação a um determinado território, a partir da qual surge uma aspiração de defendê-lo contra qualquer perigo externo”. Na América, é estimulado desde o nascimento. Esta característica tão marcante iniciou-se durante a formação colonial, considerada fundamental na construção e manutenção da sociedade, pois proporcionou o ânimo necessário para um desenvolvimento social, económico e político (Camerino et. al, 2012).

Contudo, parece que Tocqueville se esqueceu de abordar que os negros não faziam parte deste Sonho Americano. Com uma divisão baseada na cor das pessoas, os escravos e os seus descendentes não faziam parte da sociedade. A emenda constitucional, alterou essas regras e incorporou os negros na comunhão social. Mostrando como são transitórias as divisões que impedem artificialmente as raças ou classes de tomar o seu nível natural. Mas, enquanto durou a escravidão, nem os escravos nem os seus descendentes livres concorreram, de forma alguma, para a vida mental ou activa da sociedade parasita que eles tinham o privilégio de sustentar com o seu sangue (Nabuco, 2011).

*“I’ve lived the literal meaning of the ‘land of the free’ and ‘home of the brave’. It’s not corny for me. I feel it in my heart. I feel it in my chest. Even at a ball game, when someone talks during anthem or doesn’t take off his hat, it pisses me off. I’m not one to be quiet about it, either.” (Kyle, 2013)*

**PARTE II**

**CHRIS KYLE E OS SEAL**

## 2.1. Breve história dos SEAL

Quando o Tenente-Comandante Deaper Kauffman, “pai” dos SEAL, começou a treinar as Unidades de Combate e Demolição Naval (NCDUs) em 1943, visitou o campo de treino dos Naval Scouts and Raider. “Pegou” nas oito semanas de condicionamento físico e condensou-as numa só semana, chamada *indoctrination week*, ou semana da doutrinação. Depressa começou a ser chamada *hell-week*, ou semana infernal. Desde aí, a *hell-week* passou de uma semana para várias, consistindo assim, na primeira fase de treino. Kauffman e os seus oficiais completaram a *hell-week* com os voluntários do NCDU. Tal apenas acontece nos serviços militares Americanos, nos quais, os oficiais têm de treinar e sofrer com os seus homens (Couch, 2004).

A chacina dos jovens Marines nas praias de Tarawa em 1943 (durante o Dia D) mostrou a necessidade do reconhecimento das praias antes dos anfíbios atacarem. Os voluntários para este perigoso trabalho tinham de ser recrutados e treinados rápido, fazendo da *hell week* crucial. Aqueles que foram mandados para as praias da Normândia durante a invasão do Dia D sofreram muitas mortes, só em Omaha, 52% foram mortos ou feridos (Couch, 2004).

As NCDUS foram consolidadas nas equipas de demolição debaixo de água (UDT's) (Couch, 2004). As UDT's eram equipas de demolição submarina que localizavam ‘buracos’ nas linhas inimigas e realizavam outras missões especiais de guerra, desde a segunda Guerra Mundial (Kyle, 2013).

Muitas pessoas pensam que os SEAL são apenas comandos da base naval, o que significa que realizam operações sempre a partir de navios e atingem alvos na água ou na linha costeira, mas a partir do 11 de Setembro, começaram a treinar para lidar com o tipo de locais onde seria mais provável que se encontrassem terroristas islâmicos (Kyle, 2013).

Como características principais dos SEAL, podemos destacar, os extraordinários guerreiros que são produzidos, corajosos, disciplinados e acima de tudo, muito bem treinados. Prezam maioritariamente, a integridade, responsabilidade e o compromisso à equipa, fazendo tudo com paixão (Couch, 2004).

Os SEAL vivem num mundo onde a honra pessoal é tão importante como as competências militares profissionais. Outra característica importante refere-se aos nomes que eles usam para se chamarem uns aos outros: irmãos de armas, colega de equipa, amigo, qualquer termo usado por estes camaradas, significa que se amam, que se necessário morrem no esforço de preservar os restos mortais para a família não-militar. Os SEAL, apenas se preocupam com a sua equipa e o seu compromisso com esta (Couch, 2004).

De acordo com Rorke Denver (2016), todas as unidades militares são ‘tribos especiais’, e para os SEAL a ‘tribo’ é composta pelas equipas SEAL que partilham um código comum: os membros abandonam as necessidades individuais, dando lugar às necessidades grupais. Nos SEAL chamam-lhe ‘irmandade’. Ensinam-lhes sempre: “cuida do teu irmão”, “equipa antes do indivíduo”, “ninguém é deixado para trás”.

*“Eu vi homens a correrem para o fogo. Vi-os a dançar sobre explosivos. Vi-os a correr em direção a morteiros. Eu também fiz algumas dessas coisas. E a razão foi sempre a mesma: O amor pelo país expressado através do comprometimento aos colegas de equipa”*

(Denver, 2016)

*“Os SEAL são combatentes silenciosos e eu sou um SEAL até à alma”*

(Kyle, 2013).

## 2.2. “The only easy day was yesterday” - Treinos intensivos

O treino tão rigoroso do SEAL é o que os faz ser parte da elite.

O mais importante é a *Hell Week*, já mencionada acima, considerada um ritual de passagem e um processo que procura os homens que preferiam morrer, a desistir. Existem diversas fases até o treino estar completo (Couch, 2004):

INDOC: Para preparar os candidatos para a fase de treino, devem completar um pré-treino chamado *indoctrination course*, ou INDOC. Este dura cinco semanas, em que irão aprender as regras do BUD/S, sendo que também serve para juntar o grupo tanto a nível físico como psicológico. Apenas um em cada cinco recrutas, passa nos testes e é admitido no BUD/S. É realizado na ‘Naval Special Warfare Centre’ no Coronado, Califórnia. O treino é composto por corridas cronometradas na praia, corrida em areia seca, treinos físicos de grupo (PT) e muito tempo na água. Existem objectivos e tempos individuais que têm de atingir com a penalidade de serem expulsos. 5% dos candidatos desiste antes de começar o INDOC por ficarem intimidados com o processo e 20% desiste durante.

De seguida, inicia-se o BUD/S, com a duração de 7 meses. Este é considerado a base das competências operacionais dos SEAL. Estas competências são fundamentais pois são considerados ‘versáteis’, capazes de realizar tarefas de outras SOF tais como as Forças especiais, os Rangers e as equipas de Táticas Especiais da Força Aérea. É composto por três fases: Condição física, mergulho e *land warfare*. Kyle (2013) refere que realizavam 100 abdominais e 100 flexões, várias vezes repetidas, com stress e abuso constante com que acompanhavam os exercícios.

Posteriormente, iniciam o treino avançado conhecido como SQT. Este tem a duração de 26 semanas. Kyle (2013), refere que um dos piores exercícios é o simulacro de afogamento que tem como objectivo preparar os recrutas para o caso de serem capturados. Os instrutores torturam-nos, atam-nos e espancam-nos quase a ponto de lhes causarem danos permanentes. Dizem que todos os homens tem um ponto de ruptura e que acabam por desistir.

Depois do SQT iniciam a formação de Sniper: *“a seguir ao BUD/S, a formação para sniper foi a mais difícil por que passei. Estavam constantemente a dar-nos cabo da cabeça. Ficávamos a pé até tarde e levantávamo-nos cedo. Estávamos sempre a correr ou a sermos stressados de uma forma qualquer. Um SEAL sniper é treinado para observar. Trata-se de uma habilidade fundamental. Ainda que seja colocado numa posição a partir da qual possa eliminar um alvo, a primeira coisa que deve fazer, é observar a zona. A etapa seguinte da formação de sniper, é a mais difícil: aproximação*

*furtiva. Ser furtivo significa mudar de posição sem se ser visto. É mover-se lentamente e com cuidado para o local mais apropriado para concluir a missão” (Kyle, 2013).*

Ainda referente à *Hell Week*, Chris iniciou-a com um pé fracturado, afirmando que a melhor forma para aguentar é ir de refeição em refeição pois é-lhes permitido parar de 6 em 6h. Houve alturas em que pensou em desistir e tocar no sino (quando se toca no sino, significa que se desiste definitivamente de se ser um SEAL). Se o sino estivesse mais perto talvez o tivesse tocado. Durante a semana inteira dormiu cerca de 2 horas. Estar gelado tornou-se um pesadelo e na semana seguinte, acordava a tremer todas as noites com frio (Kyle, 2013).

*“Passar pelo BUD/S e ser um SEAL requer mais resistência mental do que qualquer outra coisa, ser teimoso e recusar-se a desistir são a chave para o êxito”*

(Kyle, 2013)

### 2.3. Band Of Brothers – Chris Kyle e as suas relações entre pares

*“O nosso pelotão tinha a sua própria alcunha, uma que ia para lá de Cadillac. Decidimos que seríamos os justiceiros (...) o justiceiro usava uma t-shirt com uma caveira branca estilizada. (...) Corrigia injustiças, matava inimigos, fazia com que os delinquentes o temessem. Era isso que defendíamos. Por isso adaptámos o símbolo- uma caveira- e tornámo-lo nosso, com algumas modificações. Pintámo-lo com spray nos nossos hummers e no nosso colete, nos nossos capacetes e em todas as nossas armas.”*

(Kyle, 2013)

Ao longo do livro podemos observar diversas passagens nas quais Chris, se refere à sua equipa, às amizades e ao amor que os une, bem como, ao objectivo que os une a todos naquela guerra: libertar as cidades das mãos dos Iraquianos terroristas. Uma das frases mais intensas e que reflete bem o tipo de relação que os SEAL têm entre si, aparece quando Biggles foi alvejado, na qual refere:

*“Subi as escadas a correr, sentindo-me como se tivesse levado um tiro e desejando que tivesse sido eu, não ele, a ser atingido. Tinha a certeza de que ele ia morrer. Tinha a*

*certeza de que tinha acabado de perder um irmão. Um grande, engraçado, adorável e excelente irmão. Biggles. Nada do que vivera no Iraque me tinha afectado assim.(...) Cem mortes? Duzentas? Mais? De que interessava se o meu irmão estava morto? Porque não fora eu para ali? Porque não era eu que ali estava? Podia ter salvo o meu rapaz”* (Kyle, 2013, pp. 277). Ainda referente à mesma pessoa, refere: *“As minhas emoções jorraram quando ouvi dizer que o Ryan (Biggles) tinha sobrevivido. Contudo a minha reacção mais forte foi: Porque não aconteceu comigo? Porque tinha isto de acontecer a um caloiro? Eu já tinha visto muita acção, tinha alcançado os meus feitos. Participara na minha guerra. Devia ter sido eu a ser afastado. Devia ter sido eu a ficar cego”* (Kyle, 2013, pp.282).

O amor que sentem, é também perceptível quando Chris sai dos SEAL, afirmando:

*“Trata-se de um conflito- família e pátria, família e irmãos de armas- que nunca consegui resolver de facto. Tinha conseguido ainda mais mortes em Ramadi do que em Fallujah. Não só terminei aquela comissão com mais mortes do que qualquer outro, como o meu total fazia de mim o sniper americano mais prolífico de todos os tempos, para usar a elegante linguagem oficial. E ainda assim, sentia-me um desistente, um tipo que não fizera o suficiente.”* (Kyle, 2013, pp.295).

Este espírito de camaradagem provém do fenómeno grupal. Para o nascimento de um grupo, os indivíduos tomam consciência de uma tarefa comum tendo em conta a necessidade, perigo, etc., na qual todos dependem entre si, existindo uma interdependência. Assim, cada indivíduo torna-se para os outros numa pessoa com a qual é necessário contar, existindo uma fusão que se segue ao juramento. Este é uma forma de garantir a permanência no grupo e o seu futuro. Neste juramento, Chris Kyle prometeu lutar contra todos os que possam afastar os elementos do grupo, neste caso, os iraquianos. Tal resulta numa organização de forma a atingir os seus objectivos. Mas, por ser um grupo criado para responder a um objectivo, quando este se completa, existe uma fase chamada instituição, na qual o grupo institucionalizado se separa e volta ao conformismo, rotinas, burocracias, etc. (Rubini, 1995). Tal se verificou nos militares que, com o objectivo comum de matar os opositores, se tornam dependentes uns dos outros de forma

a garantir a sobrevivência. Contudo, após acabar a guerra, regressaram a casa e a maioria deixou a Marinha.

## PARTE III

### MUNDO INTERNO

### 3.1. *Chris Antes e Durante a Guerra*

#### 3.1.1. O alcance de uma ideologia

*“Enquanto crescia queria ser soldado. Contudo, perguntava-me como me sentiria quando tivesse de matar alguém. Agora sei. Não é nada de especial”*

(Kyle, 2013, pp. 365)

É importante reflectir sobre Chris antes de se tornar sniper, o que o fez alistar-se? O que tinha a Marinha de tão aliciante que se tornasse um ideal seu, pertencer a essa organização? Será que essa ideologia, justifica o facto de não sentir culpabilidade ao matar? Neste sub-capítulo iremos pensar sobre estas perguntas, relembrando que é apenas uma visão ou hipótese do que realmente Chris pensava.

Desta forma, torna-se pertinente pensarmos a nível psicológico, quais os processos psicológicos e mecanismos de defesa que Chris usava para que não sentisse remorsos. Estes, aliados à sua cultura, irmandade e dever de protecção ao seu país, irão resultar na sua insensibilidade ao matar.

*O que é uma ideologia?*

A melhor definição de ideologia é a famosa frase de Marx *“Eles não sabem, mas estão a fazê-lo”*, pois o conceito de ideologia implica uma ingenuidade, um desconhecimento dos seus próprios pressupostos, das suas condições, uma divergência entre realidade social e a nossa representação distorcida (Žižek, 1989).

A ideologia, em si, é uma doutrina, um conjunto de ideias, crenças e conceitos, com o fim de convencer os sujeitos de que o que acreditam *“é verdade”* (Žižek, 1994). Assim, implica também que sejam cépticos em relação às ideias e representações do seu oponente. Implica ainda que um grupo de pessoas reaja da mesma forma, tanto em reacções imediatas a uma mesma situação, como ao resultado de uma interacção. Ao

serem condicionados pela mesma situação social, são sujeitos às mesmas ilusões (Mannheim, 2005).

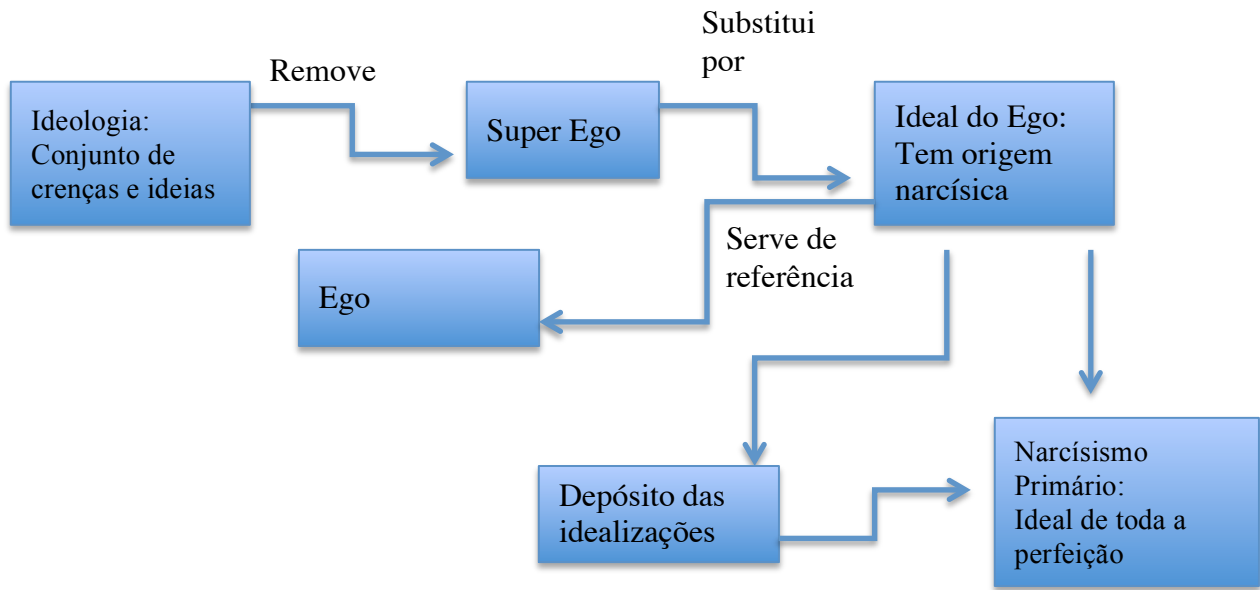
A dinâmica da ideologia é o que Freud referiu em relação a um sonho. Neste, o sujeito consegue perceber estímulos externos, contudo, estes são explicados pelo próprio sonho. Na mente de quem dorme, é o sonho que dá sentido ao estímulo. Como consequência, de acordo com Žižek, uma ideologia prevalece, de facto, quando até mesmo os factos que, à primeira vista contradizem começam a funcionar como argumentos a seu favor (Žižek, 1992, 80 cit. García & Sánchez, 2008).

Posto isto, é-nos permitido pensar que Chris adere a uma ideologia extremista, ou seja, o seu grupo de pertença é quem domina os valores supremos, enquanto que o seu inimigo pertence ao campo do mal. As ideologias extremistas têm, inicialmente, de remover o Superego de forma a poder repô-lo pelo Ideal do Ego (Brainin & Taicher, 2015). De forma a se entender melhor, o Ideal do Ego é designado como uma formação intrapsíquica que serve de referência ao Ego, actuando como um modelo ao qual o indivíduo procura conformar-se. Tem origem narcísica, dado que o sujeito projecta como seu ideal, o substituto do narcisismo infantil (Fernandes, 2002). Este último é definido como o estado de onnipotência infantil anterior a qualquer escolha de objeto exterior, sendo que a criança é movida pelo seu próprio objeto de amor (Silva, 2011).

Segundo Freud (1914/1989) o narcisismo infantil é apresentado, na vida adulta, através da devoção ao Ideal do Ego. Ou seja, o desenvolvimento do Ego é caracterizado por um distanciamento ao narcisismo infantil, contudo, existe uma grande vontade de o retomar. Tal distanciamento deve-se à deslocação da libido para o Ideal do Ego, desta forma, existe satisfação se se cumprir o mesmo.

Em suma, o narcisismo primário caracteriza-se pelas primeiras satisfações narcísicas, predominando a auto-suficiência, ideal de toda a perfeição, sendo o Ideal do Ego o “depósito” dessas idealizações, perfeição e felicidades ilimitadas do narcisismo primário (Laender, 2005).

Concluindo e porque se pode tornar confusa a explicação do papel das instâncias intrapsíquicas no desenvolvimento e adopção de uma ideologia, abaixo segue uma explicação simplificada:



Segundo Grunberger (1984 cit. em Brainin & Taicher, 2015) a agressão actua como um incentivo para os indivíduos se agarrarem e continuarem com o ideal narcísico. Assim, podemos pensar que são requeridas acções criminais ao serviço da ideologia. Desta forma, o Ideal do Ego não precisa ser desafiado. Se as acções criminais estiverem de acordo com a ideologia, existe um ganho narcísico, havendo então uma gratificação narcísica, dado que as ordens são executadas de forma a satisfazer os superiores, tal como explicado anteriormente. A tal gratificação narcísica significa um ‘bónus’ resultante da submissão à ideologia, fazendo com que o Ego seja submetido às exigências da mesma (Brainin & Taicher, 2015). No caso da presente dissertação, as acções criminais são as ROE’s: “as nossas ROEs, quando a guerra começou, eram muito simples: ‘Se vires alguma pessoa com idade compreendida entre os 16 e os 65 que seja homem, abate-o. Abate todos os homens que avistares’ ” (Kyle, 2013, pp. 86).

*O que o fez querer tanto alistar-se na Marinha? Ou ainda o que, na estruturação do seu mundo interno, terá contribuído para ele aderir?*

Estudos, tais como A Personalidade Autoritária (Adorno et al., 1950 cit Drake, 1955), concluíram que a repressão e a severidade do Superego estão relacionadas com crenças em ideologias autoritárias. Estas características do Superego são explicadas pela melancolia resultante da introjecção e cisão a que o Ego é submetido (Laender, 2005). A introjecção do Ego tem como objectivo resolver as dificuldades emocionais do indivíduo ao introjectar características de outras pessoas. É um mecanismo de defesa que proporciona ao objecto externo tornar-se interno. Enquanto que a cisão do ego é um mecanismo através do qual um grupo de sentimentos ou pensamentos são separados de outro grupo. Tal acontece quando um dos grupos é considerado bom e outro mau. Assim, este mecanismo de defesa, evita a angústia de se pensar negativamente sobre uma pessoa de quem gostamos, desta forma, a cisão, proporciona ao indivíduo a falta de culpa ao ter pensamentos negativos sobre algo bom (Silva, 2010).

A severidade do Superego é também resultado dos fortes controlos da sociedade, ou seja, através do estudo referido acima, foi possível aprofundar a dinâmica do preconceito, i.e., o objecto (como os judeus, os negros ou no caso de Chris, os islâmicos) de representações preconceituosas. Tem como função psicológica, a economia psíquica do sujeito, desta forma, as características do objecto de preconceito têm pouca importância relativamente às características do sujeito preconceituoso. Estas características do sujeito formam a personalidade autoritária. Contudo, tais características não são inatas, mas sim adquiridas através do processo de socialização, ou seja, psicossociais. Actuam na formação bem como na sustentação das representações psicológicas do sujeito. A personalidade autoritária funciona de forma quase permanente actuando na forma do sujeito seleccionar os estímulos ideológicos que a sua cultura proporciona (Carone, 2012).

Como podemos concluir, a severidade do Superego é realizada através de diversas forças mas também é possível explicá-la através da agressão. A agressão não só mantém igual o patamar moral em relação aos desejos sexuais mas também se opõe aos desejos agressivos, podendo gratificar sádicamente por ser demasiado punitiva (Nunberg, 1926 cit Kafka, 1990).

Explicados os mecanismos inerentes à adesão de uma ideologia, é importante agora pensarmos relativamente a Chris. Iniciando pela Introjecção do Ego mencionada acima como um desencadeador da severidade do Ego que por sua vez, encoraja a adesão a uma ideologia, esta tem como objectivo resolver alguma dificuldade emocional ao introjectar características de outras pessoas. Desta forma, é possível que Chris tenha introjectado características relativamente à religião através dos seus pais, dado que ambos exerciam profissionalmente nesse ramo, sendo o pai, diácono e a mãe, catequista. Estas características tornaram-se importantes na medida em que colocaram Deus como primeira prioridade. Tal pode ter sucedido, por Chris se sentir vazio ou perdido, encontrando em Deus uma forma de consolo mesmo quando assassina. É possível também que a severidade do Superego de Chris Kyle seja proveniente da sociedade Americana e do seu controlo, contribuindo para a sua adesão à Marinha. Ou seja, o objecto (iraquianos) de representações preconceituosas facultadas pelos americanos, age como um economista psíquico fazendo com que as características do mesmo sejam iguais, não havendo qualquer tipo de diferenciação entre si. Desta forma, Chris ao se alistar na Marinha apenas seleccionou um estímulo ideológico proporcionado pela sua cultura. Ainda é importante referir que o facto de ser submisso aos seus superiores e por isso, às ordens morais exigidas pela Marinha, fê-lo poder sentir um desejo de receber gratificação libidinal, oferecido pela tal submissão.

Assim, podemos pensar, que Chris decidiu alistar-se por sentir que é seu dever matar os iraquianos (islâmicos), dever esse que foi inculcado pela cultura e sociedade Americana na medida em que estimulam o ódio aos praticantes dessa religião e gratificam libidinalmente os que põe fim à mesma. O facto de o seu Superego ser bastante severo contribuiu para esse fim, e tal pôde dever-se a dificuldades emocionais que apenas conseguiu gerir através da introjecção de certas características como as religiosas. E partindo deste ponto, se Deus é a sua prioridade, então será gratificante pôr fim a todos aqueles que não acreditam N'Ele, que profanam lugares sagrados e matam os seus seguidores cristãos.

Ainda para concluir, as prioridades do autor são 'Deus, Pátria e Família' (Kyle, 2013, pp.15) contudo, os limites entre Deus e Pátria estão difusos no contexto militar, e a justaposição dos mesmos, oferece uma causa ideal para se lutar. Segundo Carolyn Marvin

e David Ingle (1999) o nacionalismo é a mais poderosa religião nos Estados Unidos e a violência mantém e organiza os grupos. Tal é verificado ao longo do livro, o exército americano e as forças SEAL são enviadas para o ‘campo’ arriscando as próprias vidas, ou seja, existe uma ideologia que envolve a identificação com a nação, tornando-se a base dos seus valores. Eles lutam pela Bandeira Americana, pelo Cristianismo e pelo Sonho Americano.

*“Sejam quais forem as modificações que intervêm no seu ambiente e no seu meio, o que é adquirido como Ideal do Ego permanece, no sujeito, exactamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos – o seu Ideal do Ego pertence-lhe, é, para ele, algo de adquirido. Não se trata de um objecto, mas de uma coisa que, no sujeito, é a mais”*

*(Lacan, 1999)*

### 3.1.2. Ideologias e Grupos

É também importante pensarmos sobre a camaradagem dos que seguem a mesma ideologia. Mesmo após deixar o serviço activo na Marinha, Chris continuou a chamar de irmãos aos seus companheiros, tal significa que mesmo após o fim da guerra, não renunciou aos seus ideais.

Quando se fala de psicologia de grupo, normalmente pensa-se sobre a influência de um número de pessoas sobre um indivíduo, pessoas essas a quem o indivíduo se acha conectado por algo, apesar de lhe poderem ser estranhas. Assim, a psicologia de grupo interessa-se pelo indivíduo enquanto membro de uma raça, nação, no nosso caso, membro de uma profissão e instituição, organizadas com um intuito definido (Freud, 2011).

Segundo Le Bon (1954 cit. em Freud, 2011) os indivíduos tanto podem ter semelhanças ou divergências quanto à sua profissão, ao seu carácter ou ainda à sua inteligência, contudo, o facto de terem sido transformados num grupo oferece-lhes uma espécie de mente colectiva que os faz sentir, pensar e agir em conjunto. Ainda segundo o mesmo autor, este grupo é provisório, formado por elementos heterogéneos que num determinado momento, se combinam, formando um novo ‘ser’ com características distintas daquelas que possuía isoladamente, fazendo desaparecer a distintividade individual. O que é heterogéneo submerge no que é homogéneo, assim, os iraquianos, considerados heterogéneos e exteriores ao grupo, são vistos como inferiores e apenas os SEAL são vistos como superiores. Ainda segundo o mesmo autor, os indivíduos em massa, adquirem um sentimento de poder invencível que lhes permite ceder a instintos que normalmente, mantém sob controlo. Tal acontece porque ao integrar uma massa anónima e irresponsável, o sentimento de responsabilidade desaparece e com ele, a censura a que os indivíduos estão sujeitos.

Um elemento importante que determina a manifestação das características especiais e a tendência que devem tomar num grupo, é o contágio. Este ganha relevância, pois num grupo, os sentimentos e os actos são contagiosos, de tal modo que o indivíduo sacrifica o seu interesse pessoal ao interesse colectivo. Trata-se de uma aptidão contrária à natureza humana e da qual um Homem sozinho dificilmente é capaz, excepto quando faz parte de um grupo (Freud, 2011).

O indivíduo que se insere num grupo durante algum tempo, acaba por entrar num estado semelhante ao estado de “fascinação”, no qual o hipnotizado está nas mãos do hipnotizador. A personalidade consciente desaparece por completo, assim como a vontade e o discernimento. Desta forma, já não é consciente dos seus actos e tal como no sujeito hipnotizado, algumas faculdades são eliminadas e outras exaltadas (Freud, 2011).

*‘Além disso, pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escada da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão, é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.’*

(Le Bon, 1954, cit. em Freud, 2011)

A citação acima significa que, quando os elementos são unidos num grupo, as suas inibições desaparecem e os intintos cruéis emergem. Estes, que se encontravam adormecidos por serem brutais e destrutivos, agora estão visíveis. E aliados à sugestão, é permitido ao grupo alcançar a devoção total a um Ideal (Le Bon, 1954, cit. em Freud, 2011).

*Mas por que se tornam tão violentos os indivíduos em grupo?*

O investimento amoroso que o líder tem com cada membro do grupo impede que a pulsão agressiva se insira no grupo, e o facto de a identificação do líder com os membros do grupo ser de natureza sexual inibida, faz com que os vínculos se tornem duradouros, impedindo a expressão de hostilidade contra os mesmos. Assim, se a pulsão agressiva está reprimida no grupo, ir-se-á manifestar contra os grupos rivais, como os iraquianos. Existindo então uma espécie de equilíbrio, onde o amor preserva o vínculo grupal e o livre arbítrio expressa o ódio para o exterior. Contudo, a pulsão de morte poderia ser reintrojectada, mas o investimento afectivo no líder e nos colegas impede o refluxo do investimento libidinal. Contudo, se o narcisismo for incrementado, o grupo é destruído (Nakasu, 2007).

É ainda importante pensarmos na Marinha como um grupo artificial, ou seja, existe uma força externa (por exemplo Governo) que é incumbida de os impedir de se desagregarem e evitar que aconteçam alterações na estrutura. Na Marinha prevalece a ilusão de que existe um Comandante-Chefe, que ama todos os indivíduos do grupo de igual forma, tornando-se um pai para os soldados, que desta forma, se tratam por ‘camaradas’ como se de irmãos se tratasse. O soldado considera o seu superior como o seu Ideal, identificando-se com os seus ideais. Quando um grupo se forma, a intolerância desaparece dentro do grupo, os indivíduos comportam-se uniformemente e toleram as singularidades dos outros. A limitação do narcisismo aqui, é produzida por um laço libidinal entre os elementos, que prolonga e solidifica a relação entre eles até um ponto tal que supera o lucro da relação, pois a libido liga-se à satisfação das necessidades vitais

e escolhe como os primeiros objectos, as pessoas que têm uma parte nesse processo (Freud, 2011).

Uma questão que também se considera pertinente prende-se com a falta de separação e distância quando adere-se aos SEAL, ou seja, existe uma dissolução do Eu individual, adesividade e colagem. Desta forma, iremos abordar o *GroupThink* ou Pensamento Grupal, termo usado pela primeira vez em 1972 pelo psicólogo social Irving Janis e que se refere ao fenómeno psicológico no qual as pessoas lutam pelo consenso dentro do grupo, pondo de parte as suas crenças pessoais e adoptando a opinião do resto do grupo. Ou seja, refere-se ao modo restritivo de pensar num grupo que enfatiza o consenso contrariamente a uma análise cuidada e real das decisões. É ainda um modo de pensar que as pessoas envolvidas num grupo coeso adoptam, esforçando-se pela unanimidade, ao mesmo tempo que ficam desmotivadas para avaliar as acções. Assim, existe uma deterioração da eficiência mental e julgamento moral resultante da pressão do grupo (Janis, 1982).

O pensamento grupal ocorre em situações onde os membros do grupo são idênticos, acontecendo no nosso caso, pois existe uma desumanização dos recrutas, e em situações onde o grupo é colocado sob extremo stress ou onde dilemas morais possam existir. Todos estes factores acontecem no caso de Chris e o facto de estar ‘conectado’ a um grupo faz com que aconteça uma dissolução do Eu individual, pois deixa de pensar por si, passando apenas a seguir ordens dos seus líderes.

Assim, o facto de Chris se unir a um grupo definido e coeso, faz com que pense como todos os seus membros, excluindo os divergentes e tendo um sentimento de imunidade e imortalidade. Desta forma, Chris, perde a sua individualização e passa a ser apenas mais um indivíduo pertencente a um grupo. As ideias do grupo, são as suas, havendo uma colagem, ou seja, todos pensam de igual forma, não havendo diferenciação entre si muito menos divergências de ideias. É a intensidade dos vínculos, que permite a renúncia das censuras psíquicas bem como a libertação da agressividade. Estas relações têm como base o amor do líder em relação a cada membro retirando as consequências dos impulsos cruéis e hostis dos membros do grupo e colocando-as no exogrupo. A relação

que cada membro tem para com o líder é o que permite que a pulsão de morte não seja interiorizada no seio do grupo (Nakasu, 2007).

## 3.2. Chris Depois da Guerra

### 3.2.1. Perturbação de Stress Pós -Traumático

*“As situações de guerra são um campo fértil, propício à ocorrência de acontecimentos traumáticos, que tendem a ser repetidos e a prolongar-se no tempo (...) o trauma a que eventualmente um combatente pode estar submetido não diz apenas respeito ao risco de combate; igualmente envolve as acções cruentas que cometeu e observou ou a morte que constatou de companheiros seus de convívio diário. A estes aspectos soma-se ainda o stress devido à fadiga prolongada, às privações relacionadas com as condições de vida, de alimentação, de adaptação ao meio ambiente e ao afastamento da família”*  
(Vaz Serra, 2003, pp.48)

A Perturbação de Stress Pós-Traumático (Post Traumatic Stress Disorder- PTSD) foi codificada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1980 no Diagnostic Statistical Manual (DSM-III) sendo mantida até hoje (Albuquerque et al. 2003).

Iniciando então, com a explicação do mesmo, o PTSD é um transtorno de ansiedade precipitado por um trauma. Esta palavra, oriunda do grego, denota ferimento e atende aos domínios físico e psicológico (Dicionário de Língua Portuguesa, 2008). Tem como principais características o evento traumático, no qual existe a exposição a um evento que envolva a ocorrência ou a ameaça consistente de morte ou ferimentos graves para si ou para outros, associada a uma resposta intensa de medo, desamparo ou horror, e a tríade psicopatológica, na qual a resposta a este evento traumático desenvolve três tipos de sintomas: o re-experimentar do evento traumático, a evitação de estímulos associados e a presença persistente de sintomas de hiperestimulação (Figueira & Mendlowicz, 2003).

O primeiro grupo de sintomas A (Anexo A) apenas refere que a pessoa teve de experienciar uma situação traumática que envolvesse morte ou ferimentos a si ou a outros e ainda, a pessoa sentiu medo e/ou horror, “Foi a primeira vez que matei alguém com uma espingarda de sniper “ (Kyle, 2013, pp.13); “Desloquei-me rapidamente — não tanto pelo medo de ser atingido, como de ser atropelado por um dos veículos blindados que nos tinham trazido até ali” (Kyle, 2013, pp.142).

O segundo grupo de sintomas B, é relacionado com as revivências do trauma. As revivências podem apresentar-se sob diversas formas, sonhos vívidos, pesadelos, pensamentos ou sentimentos incontroláveis e flashbacks (Figueira & Mendlowicz, 2003): “Tinha tempo para relaxar, mas não conseguia. Em vez disso deitado na cama a pensar sobre tudo aquilo por que tinha passado- em especial no tiro que levava. Revivia o tiro de cada vez que me deitava para descansar. O meu coração batia ferozmente no meu peito, provavelmente com muito mais força do que naquela noite, em Sadr City.” (Kyle, 2013, pp. 344); “Não conseguia dormir. Sentia-me assustado. Extremamente assustado” (Kyle, 2013, pp. 345); “Lembro-me de, certa vez, depois da minha primeira comissão, ter passado por algo parecido com um *flashback*, (...) Tínhamos um alarme anti roubo e, por uma razão qualquer, a Taya accionou-o ao chegar a casa. Assustou-me como o caraças. Regressei de imediato ao Kuwait. Mergulhei para baixo da secretária. Pensei que fosse um ataque de *scuds*” (Kyle, 2013, pp. 101); “[Taya] Adaptar-se a estar em casa foi difícil. Acordava a dar socos. Sempre fora assustado, mas agora, se me levantasse a meio da noite, tinha de parar e dizer o nome dele antes de voltar para a cama. Tinha de acordar antes de me deitar, para ter a certeza que ele não me acertava com os seus reflexos. Certa vez acordei com ele a agarrar-me o braço com as duas mãos. Uma mão estava no antebraço e a outra ligeiramente acima do cotovelo. Estava a dormir profundamente e parecia pronto a partir-me o braço ao meio.” (Kyle, 2013, pp. 99)

O grupo C é referente às estratégias emocionais, cognitivas e comportamentais para diminuir o sofrimento e terror causado pelas revivências traumáticas e pelos sintomas de hiperestimulação associados. Estas estratégias resultam em comportamentos variados de fuga e no desenvolvimento de um adormecimento emocional (anestesia emocional ou numbing). A fuga corresponde a uma tentativa desesperada de evitar contacto com tudo o que relembre o trauma. O indivíduo evita falar, pensar ou ir a locais

associados ao trauma. Para fugir das lembranças intrusivas, pode drogar-se (para anestesiar o sofrimento psíquico) ou utilizar mecanismos dissociativos, que servem para manter fora da consciência os pensamentos e sentimentos penosos. O adormecimento psíquico (numbing) manifesta-se através da “anestesia” para escapar ao terror e ao sofrimento proveniente da revivência do trauma (Figueira & Mendlowicz, 2003): “Comecei a beber muito, emborcando cervejas de enfiada. Acho que posso dizer que entrei em depressão, sentia pena de mim. Em breve, nada mais fazia a não ser beber. Ao fim de algum tempo passei para bebidas mais fortes e não parava durante todo o dia “ (Kyle, 2013, pp. 359); “Embora devesse estar a gozar a vida durante alguns meses, depois de ter deixado o serviço, de facto sentia-me como se estivesse a cair num poço sem fundo “ (Kyle, 2013, pp. 359); “Eu trancava-me em casa durante cerca de uma semana. Acho que foi aí que a Taya e eu começámos a ter problemas “ (Kyle, 2013, pp. 202).

O último grupo de sintomas da tríade que caracteriza o PTSD é a hiperestimulação (D). Estes sintomas são mais facilmente observáveis e incluem a irritabilidade, insónia, sobressalto excessivo e hipervigilância. Mesmo que o paciente controle os efeitos das revivências por meio do adormecimento emocional, o corpo pode hiper-reagir a estímulos externos como se estivesse permanentemente ameaçado de morte. Neste estado o paciente pode estar de tal modo hiperestimulado, que estímulos mínimos fazem com que o seu coração dispare, a respiração acelere e os músculos se contraíam. Este estado de alerta constante faz com que a concentração caia:: “Por outro lado, por vezes eu era bastante intempestivo. Sempre tive mau feitio, mesmo antes de me tornar num SEAL. Contudo, agora era mais explosivo. Se alguém se atravessasse à minha frente no trânsito- não é muito raro que aconteça na Califórnia- ficava doido. Podia tentar abalroá-los e atirá-los para fora da estrada, ou mesmo parar e dar-lhes cabo do canastro” (Kyle, 2013, pp. 204), “Cada vez que voltamos a casa é estranho. Especialmente na Califórnia. As coisas mais simples podem ser chatear-nos. Por exemplo, o trânsito. Estamos a conduzir pela Estrada fora, está tudo cheio, é a loucura. E ainda pensamos em EEIs- vemos um monte de lixo e mudamos de direcção. Conduzimos agressivamente na direcção de outros condutores, porque é assim que se faz no Iraque” (Kyle, 2013, pp. 202); “Instalar-me no Texas levou-me para mais perto dos meus pais de forma permanente. Desde que voltei para junto deles, dizem-me que parte da concha que erigi à minha volta

durante a guerra se desintegrou. O meu pai diz que fechei partes de mim.” (Kyle, 2013, pp. 358)

Se um conjunto de sintomas presentes no DSM-IV, se verificarem então é provável que a pessoa em questão esteja em sofrimento com o transtorno referido. No grupo A é necessário que ambos os sintomas estejam presentes e isso verifica-se, Chris experimentou e observou situações nas quais estiveram envolvidas mortes, ferimentos ou ameaça de morte aos quais respondeu com medo. No grupo B, é necessário mais que um sintoma, estão então presentes as lembranças perturbadoras, os sonhos e os *flashbacks*. No grupo C são necessários mais que três sintomas, contamos então o esforço para evitar conversas associadas à violência experimentada na guerra, o esforço para evitar lugares e o facto de se sentir desligado em relação aos outros. No grupo D são precisos dois sintomas, sendo estes a dificuldade em adormecer, a hipervigilância e ainda a resposta de alarme exagerada.

Para além da sintomatologia presente em Chris, é também importante abordarmos a dinâmica mental e as consequências da Perturbação de Stress Pós Traumático. É, portanto, relevante explicarmos alguns termos fundamentais para fazermos uma leitura psicanalítica da Perturbação referida, tais como trauma psíquico e a compulsão à repetição.

Iniciando então, com o trauma psíquico, que é entendido por qualquer acontecimento que não seja controlável pelo indivíduo e que pelo facto de ser imprevisível, intenso e grave, provoca uma experiência intensa com a qual o sujeito não consegue lidar com os mecanismos de defesa usados no quotidiano (Sandler, 1991). Esta imprevisibilidade confronta o indivíduo colocando-o numa situação de angústia, medo e desamparo, sentindo que não possui as capacidades necessárias para lhe fazer frente. Assim, é entendido como um acontecimento que enfraqueceu o indivíduo, provocando modificações no funcionamento psíquico, levantando a problemática entre o que é interno e o que é externo ao trauma, uma tensão entre o que resulta do acontecimento e o que resulta da experiência subjectiva do indivíduo (Sandler, 1991).

É então importante percebermos as alterações internas mencionadas acima. Podem ser distinguidas segundo o tipo de memória que é criada, podendo ser memórias inacabadas ou não resolvidas, e memórias finalizadas ou resolvidas. As primeiras são

marcadas por serem quase reais, com repetições constantes. Estas memórias são de tal forma poderosas que o indivíduo sente dificuldade de as controlar, revelando ainda uma barreira muito frágil entre o real e o imaginário, desta forma, o indivíduo sente uma difícil relação identitária. Já as memórias finalizadas, são consideradas recordações menos frequentes e voluntárias, normalmente associadas a emoções menos dolorosas onde o indivíduo consegue perceber o real e o imaginário (Bergner, 2009)

Com as memórias inacabadas, o sujeito sofre uma reviravolta no funcionamento psíquico, pois até então o mundo era um sítio seguro e controlável, passando então a viver num mundo onde existe ameaça constante, sendo frequentemente atacado por sentimentos e pensamentos ligados a essa falta de controlo. A recordação do acontecimento traumático leva o indivíduo a um sentimento de insegurança originando a sensação de tarefa inacabada, por estar constantemente a relembra-lo. O acontecimento traumático é sentido e vivido como uma tarefa inacabada, que não ficou no momento passado mas que se desenrola no presente e no futuro (Bergner, 2009).

Esta sensação de tarefa inacabada reenvia-nos para Freud na sua obra “Recordar, repetir e elaborar” de 1914 (cit Freud, 1921/1996) onde o autor refere que nem tudo o que é referente ao trauma, pode ser rememorado, sendo que o que não é possível, é realizado através da repetição de fenómenos na vida do sujeito. Posteriormente Freud (1917/1976) conclui que as neuroses traumáticas são como se o sujeito não tivesse posto fim à situação traumática, como se ainda a estivesse a frequentar, dado a repetição constante por parte do mesmo. Assim, esta compulsão à repetição conduz o paciente a repetir frequentemente o acontecimento traumático como se nunca o tivesse finalizado.

É ainda importante referir a dualidade pulsional como um elemento fundamental para a economia psíquica. Desta forma, a experiência traumática causa uma excitação intensa suficientemente forte para atravessar a barreira protectora do aparelho psíquico que leva a uma quebra do nível do Princípio do Prazer (Freud, 1920 cit Freud, 1921/1996). Segundo esta noção de repetição e dualidade pulsional, é introduzida então a compulsão à repetição, fenómeno ligado às pulsões a nível do prazer e desprazer bem como à sua actuação no funcionamento psíquico. Apesar de se encontrar ligada às sensações de prazer e desprazer, é indiferente ao Princípio do Prazer, dado que vai ao encontro de eventos desagradáveis. Desta forma, a compulsão à repetição não deve ser

entendida como uma resistência do inconsciente mas sim ligada ao inconsciente recalçado, tornando-se então necessário o entendimento de Ego coerente e Ego recalçado, que segundo Freud (1921/1996), o primeiro é o Ego como o conhecemos (uma instância do aparelho psíquico responsável pelo material inconsciente) e o Ego recalçado é referente ao inconsciente recalçado que dá origem à compulsão à repetição. Importantíssimo de referir é que a própria compulsão à repetição funciona com base no princípio do prazer, porque na compulsão é procurado o evitamento do desprazer que seria sentido se existisse a libertação daquilo que está recalçado.

Segundo Dohrenwend et al. (1993 cit Vaz Serra, 2003) pode analisar-se a importância que o acontecimento traumático teve para o indivíduo através de três factores: O primeiro, o estímulo perturbador ou indutor de stress, o segundo, compreensão da vida do indivíduo antes do acontecimento traumático que possa afectar as circunstâncias desse acontecimento, e por último, as características pessoais ou predisposições do indivíduo antes do acontecimento.

Concluindo, ao sofrer um trauma psíquico, ou seja, algo que não pode controlar, tal como a morte dos seus melhores amigos Marc Lee e Biggles, leva Chris a sentir medo, angústia e desamparo, sentindo-se pela primeira vez, impotente, ao contrário do que sempre acreditou (“a Lenda” consegue sempre proteger os outros), levando-o a sentir-se humano e a poder falhar, deixando de ser considerado um “Deus” para os outros. Assim, aconteceram diversas alterações internas em Chris, como as memórias inacabadas ou não resolvidas que apareciam na forma de pesadelos ou *flashbacks*. Esta recordação constante do seu falhanço ao protegê-los, faz com que Chris sinta que ficou algo por fazer, ficaram pessoas por proteger e o seu trabalho inacabado. Desta forma, foi necessário para ele, encontrar um emprego que lhe desse o conforto de continuar a contribuir, de continuar a ajudar, pois este sentimento de desrealização não fica no passado, mas sim, no presente e no futuro, ou seja, nunca se vai sentir completo, com uma tarefa finita.

A importância dos acontecimentos traumáticos durante a vida militar do autor é analisada através dos três pontos referidos acima: o estímulo indutor de stress, no caso de Chris, foram as mortes dos camaradas que não pôde proteger, principalmente a dos seus amigos; a compreensão da vida de Chris antes do acontecimento traumático que possa afectar as circunstâncias desse acontecimento, aqui pode referir-se o facto de até os seus

amigos terem perecido, Chris ainda não tinha sentido a morte perto, pois como “a lenda” que era, a sua pontaria não desiludia os seus camaradas; e por fim, as características pessoas de Chris antes do acontecimento, onde podemos referir a leve arrogância que todos os SEAL sentem, pois, treinam intensivamente e são testados até ao limite. Consideram-se invencíveis, imortais e sobre-humanos.

*”Gostava que nos recordássemos do sofrimento dos Americanos que foram feridos ao serviço do país, antes de esbanjarmos milhões em mandriões e vagabundos. Vejam os sem-abrigo: muitos deles são antigos combatentes. Acho que lhes devemos mais do que apenas a nossa gratidão. Eles estavam dispostos a assinar um cheque em branco pela América, cujo custo podia ascender à própria vida. Se eles estavam dispostos a fazer isso, porque não haveremos de cuidar deles?”*

(Kyle, 2013, pp. 362)

## PARTE IV

## Conclusão

A escrita de Chris é tão pessoal e sem medo de dizer o que sente, que nos transporta para o Iraque, faz-nos sentir o que ele sentiu, deixa-nos ansiosos para saber o desfecho. Contudo, a “lenda” adorado pelos militares Americanos e odiado pelos inimigos, é tanto considerado um héroi de guerra como um patriota psicopata.

Ao longo do livro enfrentamos dilemas morais, sendo impossível defender uma ou outra visão, é-nos difícil dizer se Chris era egocêntrico por não pensar na família e ir para a guerra ou altruísta, por colocar a pátria em primeiro lugar ao invés das suas necessidades. É difícil pensar que conseguia matar e não se sentir mal quanto a isso, mas se não matasse seria morto... Foram este tipo de dilemas que me fizeram apaixonar por este livro, ter de o reler diversas vezes de forma a poder entender melhor esta mente tão complexa e desafiadora.

Algo que me fascinou desde o início, prendeu-se com o facto das escolhas de Chris serem pautadas por um sentido de moralidade, de certa forma, antiquado, ou seja, não há espaço para cinísmo, Chris apenas dizia o que sentia ou o que pensava. Segundo Taya Kyle (2015), Chris tinha o coração ao pé da boca, não tentando enganar as pessoas para benefício próprio. Este sentido de moralidade também pode ser observado quando arrisca a própria vida para salvar os seus camaradas ou quando, apesar da mulher lhe pedir para não se re-alistar, Chris sente que o seu dever ainda não terminou para com o seu país.

Procurando, então, responder às questões propostas no início deste estudo, foram aprofundados conhecimentos sobre Chris de forma a entendê-lo melhor para que pudéssemos tirar conclusões das hipóteses propostas. A principal componente deste trabalho foi entender como pode um ser humano matar e não sentir remorsos, que estratégias utiliza e que de forma se desculpa de o fazer, retirando a culpa de si mesmo. Chris encontrou de diversas formas, a maneira para que o seu mundo interno não se desmoronasse, pois apesar de ser sniper e estar longe, ou seja, poder desumanizar porque não vê a pessoa de perto, os snipers veem os seus alvos com grande claridade e muitas

vezes observam-nos durante horas ou mesmo dias, levando a que se possam sentir culpados quando matam.

Chris aderiu à ideologia de que qualquer tipo de Força Armada Americana é um ideal, principalmente a Marinha. Contudo, é pertinente concluirmos que sempre sentiu que tanto armas, como guerra e violência são os veículos de resolução de problemas. Desta forma, adquiriu um Ideal do Ego, proveniente do narcisismo infantil, que continha as suas onipotências infantis, os seus desejos e as suas idealizações. Estas são visíveis num adulto através da devoção a ideais, tal justifica o facto de Chris querer tanto pertencer a uma instituição onde claramente sabia que iria matar, iria assistir a violência e acima de tudo, iria praticá-la. Outro ponto pertinente em relação ao mesmo, prende-se com a satisfação que sentia ao cumprir os seus objectivos, pois a libido deslocou-se para o seu Ideal, querendo sempre mais e cada vez desempenhar melhor o seu papel na guerra. Chris não ponderou que o que estava a praticar era incorrecto, dado que utilizou defesas paranóides, clivando o mundo em bom e mau, identificando-se com tudo o que era bom e projectando, principalmente a sua agressividade, nos iraquianos.

Ainda, a adesão a uma instituição que tem como base uma ideologia desumana, faz com que as suas acções possam ser justificadas pelo alto comando da instituição, neste caso os Estados Unidos da América. Pois, o seu país é o ‘salvador’, tal como o foi na Segunda Guerra Mundial, agora também o é na Guerra do Iraque e por isso, ele faz parte de um movimento de libertação de um país das mãos dos opressores. Ou seja, Chris nasceu e cresceu num país onde os valores patrióticos são valorizados acima de tudo, o que faz com que as pessoas que o protegem sejam considerados heróis. Ao alistar-se teve a oportunidade de se tornar nesse herói, nesse seu ideal, ficando perpetuado para a história. Contudo, estes valores patrióticos utilizam muito a projecção na medida em que a América é sempre superior a qualquer outro povo, ou seja, contribui para que hajam representações preconceituosas facultadas pela sociedade e pelo controlo que esta exerce. Assim, a adesão à Marinha pode ser pensada sobre este preconceito, em que Chris, selecciona um estímulo ideológico proporcionado pelo seu país.

No que concerne ao Transtorno de Stress Pós-Traumático, é possível concluir que Chris tinha uma grande possibilidade de sofrer do mesmo, pois todos os parâmetros do

DSM-IV são cumpridos, contudo, não é possível saber quanto tempo duraram os sintomas (Critério E). Ainda assim, mostra que a sua tentativa de proteger o mundo interno, não foi bem sucedida, assim como a culpa que sentia tanto por abandonar os seus camaradas que continuaram na guerra, como os que não conseguiu proteger. Ou seja, existe um conflito interno onde Chris não consegue escolher entre a guerra e ser marido e pai, pois parece que este vê os soldados como crianças que tem que proteger. Desta forma, o seu papel será o de protector, tal também se verifica no seu esforço para ajudar na recuperação de veteranos de guerra, servindo esta como uma função reparadora. É ainda importante referir que a tendência para sentir culpa está relacionada com diversos sintomas psicológicos, tais como o Transtorno de Stress Pós Traumático (Tangney et. al, 2007).

O facto de ter criado memórias inacabadas, resultantes do trauma que vivenciou, fez com que Chris sentisse dificuldades de as controlar, daí surgirem os pesadelos, o sentimento de estar num mundo inseguro (tal é verificado quando sente medo a conduzir ao passar por caixotes do lixo por se sentir inseguro em relação aos EEI). Tudo isto faz com que Chris se sinta inacabado, como se não tivesse feito o suficiente.

Ainda sobre a rememoração dos traumas que vivenciou, a culpa envolve uma avaliação negativa de um comportamento específico fazendo com que a pessoa sinta tensão, remorso e arrependimento, levando a que procure a redenção através de comportamentos reparadores: “Pousei-o, ainda mais preocupado, sabendo no meu âmago que ele ia morrer, esperando que de alguma forma, não sei bem como, pudesse fazer alguma coisa que o mantivesse vivo” (Kyle, 2013, pp. 276); “Só queria cobrar sangue pelo meu camarada” (Kyle, 2013, pp. 278). Quando as pessoas experienciam este sentimento de culpa, revelam uma preocupação, pensando nisso diversas vezes, desejando que se tivessem comportado de forma diferente. Concluindo então, a culpa motiva uma acção reparadora, uma tentativa de desfazer o mal que se causou (Tangney, 2002).

Algo que também é importante concluir é sobre o desejo de Chris querer tanto ir para a guerra após o 11 de Setembro. Tal deve-se ao trauma, impotência e insegurança que todos os Americanos sentiram num país que outrora era seguro. O facto de já ter

passado pelo treino intensivo dos SEAL fez com que esses sentimentos se tornassem ainda mais fortes, projectando então nos Iraquianos a sua própria agressividade e introjectando tudo o que era bom e poderoso recorrentes das defesas do tipo esquizo-paranóide mobilizadas após o atentado, onde se clivou o mundo.

Relativamente à camaradagem, o amor que sente em relação aos seus companheiros provém de uma limitação do narcisismo, onde não há soldados melhores e piores, porque são todos iguais. Esta limitação do narcisismo é realizada através do laço libidinal que sente em relação aos seus ‘irmãos de armas’, solidificando a relação dos mesmos e perpetuando-a. Desta forma, quando este laço libidinal é cortado pela morte de algum deles, Chris sente uma enorme culpa por não os ter defendido e protegido, levando a que necessitasse de algo que contribuísse de alguma forma, para que sentisse que esse laço ressuscitasse. Ainda relativamente ao camaradismo, também é importante concluirmos acerca da falta de separação e distância quando adere aos SEAL, ou seja, existe uma dissolução do Eu individual, adesividade e colagem. O que faz com que pense como todos os seus membros, excluindo os divergentes e tenha um sentimento de imunidade e imortalidade. Desta forma, Chris, perde a sua individualização e passa a ser apenas mais um indivíduo pertencente a um grupo. As ideias do grupo, são as suas, havendo uma colagem, ou seja, todos pensam de igual forma, não havendo diferenciação entre si muito menos divergências de ideias, este fenómeno de colagem pode também ser como um justificativo para poder matar e não se sentir mal em relação a isso, pois os outros também o fazem, os outros também pensam como ele, retirando essa culpa do Super Ego.

Este trabalho tinha como objectivo, pensarmos um pouco sobre o mundo interno de Chris. Segundo Klein, o mundo interno é um espaço habitado por objectos e pulsões, instintos, funções e relações. É o lugar onde predomina a onnipotência do pensamento mágico infantil, onde nada é nítido e estável, podendo os objectos, os impulsos e as funções passarem de prazerosas para um intenso horror. Embora relacionado com as funções do ID, do Ego e do Superego, é como se as superasse e contivesse (Caper, 1990). Desta forma, e tendo em consideração as conclusões retiradas até agora, podemos pensar que no mundo interno de Chris estariam presentes as relações com os seus colegas que o levam à função de os proteger, remetendo para o instinto de morte.

Concluindo, então, este trabalho com sugestões de análise futuras, seria interessante a realização de outras leituras sobre a relação parental de Chris com os seus filhos e a forma como estes lidaram com a ausência deste. Seria ainda importante explorar a temática da morte presente no seu livro.

Chris Kyle era um homem com um grande sentido de humor, descrito por colegas, amigos e família como franco, sincero e divertido. Decidiu lutar pelo país que amava, mesmo que trouxesse consequências físicas, emocionais e psicológicas. Entre 1999 e 2009, bateu o recorde de mortes confirmadas pelas forças armadas. Era conhecido como o Diabo entre os inimigos e a “Lenda” entre os companheiros, que salvou com a sua mira excepcional. Contudo, ele era apenas um homem entre muitos, teve uma vida que depois de uma década de serviço militar e 160 mortes confirmadas, foi impossível de retomar por completo.

## Siglas

BUD/S: Basic Underwater Demolition/ SEAL (Demolição Submarina Básica dos SEAL)

DSM-IV: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Doenças Mentais)

EEI: Engenho Explosivo Improvisado

EUA: Estados Unidos da América

GROM: Grupa Reagowania Operacyjno-Manewrowego

INDOC: Indoctrination Course

NCDU: Naval Combat Demolition Unit (Unidade Naval de Combate e Demolição)

ONU: Organização das Nações Unidas

PTSD: Perturbação de Stress Pós-Traumático

ROE: Rules of Engagement

SEAL: SEa, Air, Land (Ramo da Marinha Americana)

SQT: SEAL Qualification Training (Treino de Qualificação dos SEAL)

SOF: Special Operations Forces (Forças de Operações Especiais)

UDT's: Underwater Demolition Teams (Equipas de Demolição Submarina)

## Glossário

Comissão: Traduzido da palavra *deployment*, é um termo militar utilizado para enviar as tropas para o serviço.

GROM: Forças Especiais do exército Polaco.

Hegemonia: Supremacia de um povo sobre outros povos.

Landwarfare: Guerra em terra.

Marines: Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América.

Rodeo: Prática que consiste em montar um cavalo ou um boi não domesticado.

ROE: Regras ou directivas para as forças militares que definem as circunstâncias, condições, ângulos ou maneiras nas quais o uso de força pode ser aplicado.

Scuds: Missil balístico de curto alcance de origem Soviética.

SEAL: Mar, Ar e Terra. Equipa de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos.

Sniper: Atirador especial que dispara a grandes distâncias sem ser visto.

Tridentes dos SEAL: “A única coisa que nos identifica como SEALs são os tridentes que usamos, a insígnia de metal (...) Tornou-se um sinal de respeito tirá-la e fixá-la, no funeral, no caixão.” (Kyle, 2013, pp. 302)

## Referências bibliográficas

- Albuquerque, A., Soares, C., Jesus, P. & Alves, C. (2003) Perturbação Pós Traumática do Stress (PTSD). Avaliação da taxa de ocorrência na população adulta portuguesa. *Acta Médica Portuguesa*, 16: 309-320.
- Bassil, Y. (2012) The 2003 Iraq War: Operations, Causes, and Consequences. *Journal of Humanities and Social Science*, 4(5): 29-47. Consultado em 10 de Setembro através de: <http://www.lacsc.org/papers/papera1.pdf>
- Bergner, R. (2009) Trauma, Exposure and World Reconstruction. *American Journal of Psychotherapy*, 63, 267-282. Consultado em 10 de Setembro através de: [http://www.academia.edu/4032722/Trauma\\_Exposure\\_and\\_World\\_Reconstruction](http://www.academia.edu/4032722/Trauma_Exposure_and_World_Reconstruction)
- Bion, W.R. (1957) The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38:266-275. Consultado em 16 de Agosto de 2016 através de: [https://manhattanpsychoanalysis.com/wp-content/uploads/readings/CSILLAG%20OBJECT%20RELATIONS%20II/Bion\\_Differentiation\\_of\\_the\\_psychotic\\_from\\_the\\_non-psychotic.pdf](https://manhattanpsychoanalysis.com/wp-content/uploads/readings/CSILLAG%20OBJECT%20RELATIONS%20II/Bion_Differentiation_of_the_psychotic_from_the_non-psychotic.pdf)
- Brainin, E. & Teicher, S. (2015) *Inside and Outside. Ego Ideal and Outer Reality*. European Psychoanalytical Federation.
- Camerino, A., Lima, M. & Malheiros, I. (2012) *O patriotismo nos Estados Unidos*. Consultado em 10 de Novembro de 2015 através de <http://www.tensoesmundiais.net/index.php/tm/article/download/225/285>
- Caper, R. (1990) *Fatos imateriais*. Rio de Janeiro: Imago.
- Carone, I. (2012) A Personalidade Autoritaria: Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo. *Revista Sociologica em Rede*, 2 (2), 14-16. Consultado em 5 de Outubro de 2016 através de <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/2carone2/9>
- Couch, D. (2004) *The finishing school: Earning The Navy Seal Trident*. United States: Three Rivers Press. Consultado a 5 de Dezembro de 2015 através de [https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=4MnnWmawq4cC&oi=fnd&pg=PA9&dq=the+finishing+school:+earning+the+navy+seal&ots=4mgWrtbMsk&sig=IBAMY0WQSK\\_kZ8eqceTuZ9m1Oro&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=4MnnWmawq4cC&oi=fnd&pg=PA9&dq=the+finishing+school:+earning+the+navy+seal&ots=4mgWrtbMsk&sig=IBAMY0WQSK_kZ8eqceTuZ9m1Oro&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false).

- Denver, R. (2016) *Worth Dying For: A Navy Seal's Call to a Nation*. New York: Howard Books.
- Dicionário da Língua Portuguesa. (1998). (8.<sup>a</sup> Ed.). Porto: Porto Editora
- Drake, D. (1955) A Psychoanalytic Interpretation of Social Ideology. *American Imago*, Vol. 12.
- Fernandes, E. (2002) *Narcisismo*. Dissertação de bacharelato em Psicologia. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- Figueira, I. & Mendlowiczb, M. (2003) Diagnóstico do Transtorno de Estresse Pós-Traumático. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 25, 12-16. Consultado a 3 de Agosto de 2016 através de <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s1/a04v25s1>
- Freud, S. (1914/1989) Introdução ao narcisismo. *Obras Completas*, 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1917/ 1976). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, 7 (1916-1917). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913/ 1996) Totem & Tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 13 (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (1921/ 1996) Além do princípio do prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 18 (1856-1939). Rio de Janeiro: Imago
- Freud, S. (2011) *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. *Obras Completas*, 15. São Paulo: Companhia das Letras
- Garanoux, M., Bouin, A. & Quéral, C. (2000) *Grande Enciclopédia do Mundo: América do Norte*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest
- García, G., & Sánchez, C. (2008) Psychoanalysis and politics: the theory of ideology in Slavoj Žižek. *International journal of Žižek studies*, 2(3), 5-7
- History Staff (2009) Texas. A+E Networks ed.
- Hollander, N. (2006) Trauma, Ideology, and the Future of Democracy. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, Vol. 3 (2), 156-167.

- Janis, I. (1971) *Groupthink*. Psychology Today, 5. Consultado 20 de Setembro de 2016 através de <http://agcommtheory.pbworks.com/f/GroupThink.pdf>
- Janis, I. (1972). *Victims of Groupthink: a Psychological Study of Foreign-Policy Decisions and Fiascoes*. Boston: Houghton Mifflin.
- Janis, I. (1982). *Groupthink: Psychological Studies of Policy Decisions and Fiascoes* (2 ed.). New York: Houghton Mifflin.
- Kafka, E. (1990) The Uses of Moral Ideal in the Mastery of Trauma and in Adaptation, and the Concept of Superego Severity. *Pschoanalytic Quarterly*, 59.
- Lacan, J. (1999) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laender, N. (2005) A construção do conceito de superego em Freud. *Reverso*, 27, 52. Consultado a 26 de Julho de 2016 através de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952005000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009)
- Kyle, C. (2013) *Sniper Americano: Autobiografia do Atirador Especial Mais Letal da História*. Lisboa: Vogais.
- Kyle, T. (2015). *American Wife*. William Morrow.
- Mannheim, K. (2005) Ideology and Utopia. Collected Works of Karl Mannheim. London: Routledge & Kegan Paul.
- Marvin, C. & Ingle, D. W. (1999) *Blood Sacrifice and the Nation: Totem Rituals and the American Flag*. New York: Cambridge University Press
- Nabuco, J. (2011) *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Nakasu, M. (2007) *Sublimação, Pulsão de Morte, Superego: O papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. Dissertação de Pós-Graduação, Universidade Federal de São Carlos Centro de Educação e Ciências Humanas.
- Rubini, C. (1995) O Conceito de Papel no Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*. Vol. 3, (1), São Paulo: FEBRAP.
- Sandler, J. (1991). Trauma Project. *International Review of Psycho-Analysis*, 18.

- Silva, E. (2010) Mecanismos de defesa do Ego. Consultado a 3 de Outubro de 2016 através de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>
- Silva, B. (2011) *Narcisismo Primário- As implicações do narcisismo primário*. Dissertação de Pós-Graduação, Centro de Psicanálise Sérgio Costa, Belo Horizonte.
- Tangney, J. P. & Dearing, R. (2002). *Shame and guilt*. New York: The Guilford Press.
- Tangney, J., Stuewing, J., & Mashek, D. (2007) Moral Emotions and Moral Behavior. *Annual Review of Psychology*, 58.
- Vaz Serra, A. (2003) *O Distúrbio de Stress Pós-Traumático*. Coimbra: Vale & Vale Editores, Lda
- Žižek, S. (1989) *The Sublime Object of Ideology*. London; New York: Verso.
- Žižek, S. (1994) *Mapping Ideology*. New York: Verso.
- Zizek, S. (1996) Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto. Consultado a 16 de Outubro de 2016 através de: <https://drive.google.com/file/d/0B4Y7dQdsH2ZU3BGTHdKckg0UUk/view?pli=1>
- Žižek, S. (2005) *Iraq The Borrowed Kettle*. New York: Verso.

## **Anexo A**

### **Critérios de diagnóstico para avaliação de PTSD segundo o DSM-IV**

A. A pessoa foi exposta a um acontecimento traumático em que ambas condições estiveram presentes:

(1) a pessoa experimentou, observou ou foi confrontada com um acontecimento ou acontecimentos que envolveram ameaça de morte, morte real ou ferimento grave, ou ameaça à integridade física do próprio ou de outros

(2) a resposta da pessoa envolve medo intenso, sentimento de falta de ajuda ou horror.

B. O acontecimento traumático é reexperienciado de modo persistente de um ou mais dos seguintes modos:

(1) lembranças perturbadoras intrusivas e recorrentes, do acontecimento que incluem imagens, pensamentos ou percepções.

(2) sonhos perturbadores recorrentes acerca do acontecimento

(3) actuar ou sentir como se o acontecimento traumático estivesse a recorrer (inclui a sensação de estar a reviver a experiência, ilusões, alucinações e episódios de flashback dissociativos, incluindo os que ocorrem ao acordar ou quando intoxicado)

(4) mal estar psicológico intenso com a exposição a estímulos internos que simbolizem ou se assemelhem a aspectos do acontecimento traumático.

(5) reactividade fisiológica quando exposto a pistas internas ou externas

C. Evitamento persistente dos estímulos associados com o trauma e enbotamento da reactividade geral (ausente antes do trauma), indicada por três (ou mais ) dos seguintes sintomas:

(1) esforços para evitar pensamentos, sentimentos ou conversas associadas com o trauma

(2) esforços para evitar actividades, lugares, ou pessoas que desencadeiam lembranças do trauma

(3) incapacidade para lembrar aspectos importantes do trauma

(4) interesse fortemente diminuído na participação em actividades significativas

(5) sentir-se desligado ou estranho em relação aos outros

(6) gama de afectos restringida (por exemplo, incapaz de gostar dos outros)

(7) expectativas encurtadas em relação ao futuro (não esperar ter uma carreira, casamento, filhos ou um desenvolvimento normal de vida)

D. Sintomas persistentes de activação aumentada (ausentes antes do trauma) indicados por dois (ou mais) dos seguintes:

(1) dificuldade em adormecer ou em permanecer a dormir

(2) irritabilidade ou acessos de cólera

(3) dificuldade de concentração

(4) hipervigilância

(5) resposta de alarme exagerada

E. A duração dos sintomas B, C e D é de mais de um mês

F. A perturbação deve causar sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.